

Obras completas
de A. F. de Castilho

XVI

Excavações Poéticas

VOLUME I



LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
95, Rua Augusta, 95
1904

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 16.

VOLUMES PUBLICADOS:

- I — AMOR E MELANCOLIA.
- II — A CHAVE DO ENIGMA.
- III — CARTAS DE ECCO E NARCISO.
- IV — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (1.^º V.)
- V — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (2.^º V.)
- VI — A PRIMAVERA (1.^º vol.)
- VII — A PRIMAVERA (2.^º vol.)
- VIII — VIVOS E MORTOS — Apreciações moraes, litterarias, e artisticas.
- IX — VIVOS E MORTOS (2.^º vol.)
- X — VIVOS E MORTOS (3.^º vol.)
- XI — VIVOS E MORTOS (4.^º vol.)
- XII — VIVOS E MORTOS (5.^º vol.)
- XIII — VIVOS E MORTOS (6.^º vol.)
- XIV — VIVOS E MORTOS (7.^º vol.)
- XV — VIVOS E MORTOS (8.^º vol.)
- XVI — EXCAVAÇÕES POETICAS (1.^º vol.)

NO PRÉLO :

- XVII — EXCAVAÇÕES POETICAS (2.^º vol.)



CASTILHO
segundo lithographia de Sendim
(1836)

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

XVI

EXCAVACÕES POETICAS

VOLUME I



LISBOA.

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora

LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA
Rua Augusta, 95 || 45, Rua Ivens, 47
1904

ADVERTENCIA DOS EDITORES

Em 1844 andou o Poeta excavando nos seus antigos manuscritos, e escolhendo os que, segundo a sua *maneira* d'esse tempo, se lhe figuraram mais dignos da publicidade. Collegiu-os em volume, e deu-os ao Públlico, sob o titulo caracteristico e verdadeiro de *Excavações poéticas*.

Na collocação das varias peças de que se compõe o livro, não seguiu a ordem chro-nologica; parece ter-lhe deixado presidir o acaso, que é ás vezes um scenógrapho enge-nhoso e pittoresco. A cantata segue ou pre-cede o epigramma facetô; o idyllio acompanha a satyra; a cançoneta sorri para a elegia; a xácará saudosa e tristonha acotovella-se com a ode politica trovejante de indignação. N'essa miscellanea se revela a tarefa do ca-var nas ruinas do seu passado juvenil; e o conjunto é um kaleidóscopo colorido e vi-vaz, onde a forma classica realça os enthu-siasmos do vate, já reconciliado (sem o sus-peitar) com a escola romantica.

Publicando em nova edição este ramalhete de flores, ainda tão vivas, damos hoje aos leitores uma das collecções castilianas que mais á propria retratam o homem, e o artista. Acompanharemos de notas explicativas algumas das poesias, com quanto já as *Memorias de Castilho*, impressas no *Instituto de Coimbra*, lhes tivessem expresso todo o succo auto-biographico.

De mais a mais, os pequeninos appensos em prosa, com que o proprio autor enriqueceu o volume, suprem em parte qualquer falta nossa, derramando luz sobre os versos; e o lindissimo *Prologo* do livro completa o commentario em muitos pontos.

Os EDITORES.

AO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL

EM PENHOR

DR.

ADMIRAÇÃO, RESPEITO, E AGRADECIMENTO,

OFFEREOE

O SEU SÓCIO

Antonio Feliciano de Castilho

PROLOGO

Darei rasão do que seja e do por que sai a lume a presente obra.

O titulo, que leva, já terá dado a entender que não passa de um museu de fragmentos desconnexos; e isso é; não aspira, nem pôde aspirar, a mais. São fragmentos do meu passado, que para mim mesmo jaziam como que perdidos: sobre elles pesava um grande montão de ruinas; e sobre as ruinas já o tempo, que as fizera, tinha, como é seu costume, semeado e edificado novas coisas: é essa a historia de todas as existencias.

*

D'entre os affectos e ideias do meu pretérito ser, a maior parte se hão resolvido n'aquelle confuso e mentiroso nevoeiro, que faz noite no profundo de todas as almas, e a que chamam saudade; refugio para onde o coração se nos some a suspirar, quando cruidades do presente o maltrataram. Outros affectos e ideias porém tinham-se cor-

poralisado, porque se tinham escrito; e como taes permaneciam, sem vida, sim, sem as suas primitivas relações, mas tão claros e distintos, que a mim, pelo menos, que, revendo-os podia recompor os dias a que pertenceram, e tornar phantasticamente a vivel-os se me approuvesse, me interessavam muito.

Todas estas paginas dispersas, e cujas mais proximas distam ás vezes entre si muitos dias e muitos mezes, estão-me sendo n'esta hora, em que as acabo de percorrer, e ordenar como quer que seja, o mesmo que, para o viajante, o herbario, onde cada florinha e cada folha sêcca, que pouco dirá aos outros, lhe diz a elle a odyssêa completa das suas peregrinações.

*

No pôr ao de cima da terra, e aos olhos de todos, estes fragmentos, que nem já em grande parte poderão harmonisar nem acertar-se com os meus affectos, ideias, e interesses de hoje, não foi vangloria a que me obrigou; melhor do que ninguem conheço eu o pouquissimo que isto vale; não foi tambem só desejo de obedecer a supplicas de pessoas, que devéras me amam, e que se diziam despojadas por minha mão, se eu deixasse perecer estas reliquias; foi principalmente o gosto de legar a meus filhos o mais que eu podesse de mim mesmo.

Sei eu que algum dia, lá para o diante, quando já comigo não poderem conversar, triste mas deleitoso lhes ha-de ser o interte-

rem-se ainda com o meu espirito, evocarem com a magia dos meus versos, irresistivel quando por elles recitados, o ser de quem o seu se derivou, e que muitas vezes, pelo amor d'elles e pela sua saudade, nos sonhos e nas meditações lhes ha-de apparecer.

Por este meio, eu não só resurgirei nos seus animos — apparição sempre de bom conselho para filhos em qualquer lance, — se não que por estes vestigios, que deixo impressos da minha passagem, poderão ir ainda acompanhar-me em alguma das penas, em algum dos prazeres, dos meus dias de mocidade.

Mais valiosos presentes de instrucçāo, collida na experientia, lhes destino eu para regalo; mas, entre as ligeirezas d'estas mesmas bagatellas, aprenderão que a religião e culto da Poesia nos infunde alguns sentimentos rectos e generosos; nos desafoga nos males que não podemos curar; nos povoa a solidão; e nos converte o ócio em occupações, vantajosas para nós, e não talvez inuteis para os outros; porque n'isto é a Poesia, como aquelle Imperador romano, que da pestilente lagōa pontina fez campos de saude e de abundancia.

..... Sterilis... diu palus aptaque remis,
Vicinas urbes alit, et grave sentit aratrum.

*

Para documento pois do que a Poesia pôde contribuir, como auxiliar, para a felicidade da vida, é que eu agora concerto e offre-

reço este livro, e não como exemplar de Litteratura, que nem o é, nem o poderia ser: já porque todos estes quasi fragmentos, versejados, como em outra parte expliquei, em tempos sem esperança, e no recôncavo de um êrmo silvestre, nunca presumiram que houvessem de ver a luz, já principalmente porque bem sei eu que a Poesia portugueza, como a do restante da Europa, e a nossa mesma Linguagem, se andam, ha annos, revolvendo para um futuro que ainda se não enxérga bem distinto; e que tudo que nós fazemos n'este genero, mormente os que ainda, como eu, retiveram (máu grado seu) alguma coisa, e muito, de certos habitos tradicionaes e viciosos em Litteratura, teem e temos de ficar esquecidos diante da brilhante escola que já por ventura vem raiando; terra da promissão, em que temos fé, para onde caminhamos, guiados, ora por nuvem, ora por columna de luz, mas onde a nós outros nos não será dado penetrar.

*

; Possam aquelles, para quem já disse que ordeno este e todos os meus outros opusculos, figurar lá um dia com a gloria que eu não cheguei a conseguir! O que estas paginas me não houverem grangeado, possam elles, forcejando por me exceder, e obtendo-o sem custo, conciliai-lo aos seus nomes, que serão ainda o mesmo gravado sobre a minha pedra. E perdõe-me o Publico se, em vez de para elle me voltar, como é costume e rasão em quem escreve um prologo, me

esqueci a conversar do limiar para o recanto doméstico, com quem só d'aqui a alguns annos chegará a entender o que lhe hoje digo. Que m'o perdôem; foi uma astúcia inocente; não me sei arrepender: quiz impôr de antemão, a quem sobretudo me incumbia, obrigações de honroso brio no trabalho e no estudo; e para as corroborar, inspirou-me o coração, que as ditasse dianie de não menor testimunha, que todo o Povo da nossa terra.

Lisboa — Março de 1844.

EXCAVAÇÕES POETICAS

I

EPISTOLA

A FRANCISCO DE PAULA CARDOSO DE ALMEIDA
(MORGADO DE ASSENTIZ)

S. Mamede da Castanheira do Vouga,
20 de Dezembro de 1830.

D'este seculo o estame vai fiado
das Furias pela mão na estygia noite,
magnanimo Assentiz; medra no fuso,
farto de sangue, de peçonha e léthes.
Era fado, cumpriu-se; expiaremos
no opprobrio e dôr os seculos avítos,
gloria, saber, virtudes, opulencia.

*

;A antiga Lusitania, a flor das terras,
cara filha do sol, dos mares deusa,
cahiu emfim, baldão dos mais, e infamia
dos proprios filhos! Retumbou no Tejo
inteira a maldicão troada ao Nilo,
e os espantos do Egypto em Lysia pesam.

Nossas aguas vão sangue; amanheceram
sem vida os primogenitos; searas,
palmas, loiros, cobriram-se de enxames,
que os devoram zunindo; e o Ceo mudado,
para ultimar o horror, nos chove as trévas.

*

{ Que ha-de fazer um coração sensivel?
Desertor do presente, { onde albergar-se?
{ Irá, da alva esperança conduzido,
ás portas do porvir buscar o allivio?
Não: quando a boa fé regia os homens,
véo transparente e leve as cortinava.
Vinhama fóra os reflexos luminosos
da já proxima scena á mente alegre.
Hoje o egoismo as trancou e as guarda á vista,
monstro que, detestando a propria essencia,
de *politica* o manto e o nome arroga.
A esp'rança, ultimo bem dos infelizes,
essa mesma expirou. Nós, máus e infames,
affronta dos avós, produziremos
raça peior, mais vil que nos affronte.

*

{ Que faremos, amigo? o chão da vida
jaz tisnado do raio; nem tem frutos,
nem flor promette. Aos campos do passado
convém volver o espirito saudoso;
e, eguaes á turba van de Elysios manes,
semiviver de imagens vans da vida.

*

Já lá vão, na torrente das edades,
os dias de união, de paz, de risos,

de abundancia e de amor; lá correm mudos,
mas tão perto inda vão, que inda nos sôa
o ecco final do seu folgar festivo.



Tu, que inda viste o rosto da ventura,
e em suas róseas mãos bebeste o nectar
na taça de oiro que abysmou fugindo;
tu, que a pleno gosaste, ornando a pleno
esse côro de genios de Ulysséa,
livres, jocosos, flóridos, fecundos,
que os lembrados salões em vão suspiram;
tu na vasta memoria enthesoiraste
d'esses brilhantes circulos os fastos,
a cortesan facécia, os saes picantes,
a resposta subtil, a argucia prompta...
flores gentis de tempos descançados.

Tão naturaes, tão frescas as conservas
co'o verniz d'esse espirito brilhante,
como as que em primavera estudosas
apanha aqui e ali, prepara, ordena
dentro em museu sagaz naturalista.

Segue-lhe o exemplo, amigo: elle, não pago
de as mostrar quaes lh'as deu a Natureza,
as descreve em seu livro, as faz eternas.
Não basta que no ouvido attento e alegre
do circulo que emtorno se te aperta,
vertas a flux os engenhosos risos;
não basta no recinto de uma sala
contrahir os serões do tardo inverno.
Tira da pasta ociosa a penna de oiro,
com que o genio fecundo te brindára,
e que o bom gosto te aparou sorrindo;
eternisa, escrevendo, os memorandos
ditos e acções dos cidadãos do Pindo,

socios teus no folgar, teus socios no estro.
 Venham nos postos de honra o Tolentino,
 pae da quintilha chula, e chiste ameno;
 os teus Bersanes, de amorosa lyra,
 sérios no rosto, no dizer jocosos ;
 o poeta Diógenes, o Lobo,
 sem capa, bolsa, ou lar, mordendo em todos;
 os Malhões, mais poeticos vivendo,
 que não compondo desleixados versos ;
 o Mattos, que entre cisnes campeára,
 se ao doce, ao natural, juntasse o gosto,
 e as Musas tanta vez lhe não fugissem ;
 o Barros ¹ e o Carvalho,² em quem discordes
 natureza e fortuna em guerra andaram ;
 e o que brilhou qual sol, passou qual raio,
 o ígneo Bocage, o principe de todos,
 unico em Lysia, a não tolhel-o as Parcas.
 Dos theatros, *caffés*, passeios, salas,
 sê o Valerio Maximo, o Supico.

*

Vê que o chão do presente só nos brota
 sobre o pó das antigas alegrias
 vis tristezas, cuidados espinhosos.
 Leva-nos algum' hora a rebuscarmos
 nos campos do passado, amigos campos,
 saudosos, como a Patria aos desterrados.
 Desabou em ruinas todo o templo
 do publico prazer, alevantado
 pela abundancia e paz. Convem que fique
 tua obra promettida em pé, no meio
 da torrente dos seculos vorazes,

¹ Miguel Antonio de Barros.

² Antonio Joaquim de Carvalho.

como columna do alluido templo,
que em suas inscripções o lembra ás éras,
depois de extinto o nume, e extinto o povo.

*

Aos ocios do jardim nega-te uns dias;
larga o sacho ao frenetico Alexandre,³
se Schiller e o Phantasma o deixam livre;⁴
ás duas Floras o tratar das flores,
e ao Bastos os pinceis, que na Thebaida⁵
pintam d'Alcant'ra a ponte e as lavandeiras;
encommenda ao Leoni⁶ algumas odes;
ao bom Padre⁷ uma data que esquadrinhe;
e tu, se podes tanto, occulto escreve.
Em quanto nos faltar uma anecdota,
co'a perguiça⁸ nem paz nem treguas queiras;
em vão, tingindo em pranto as faces gordas,
venha cahir-te aos pés, orar que a deixes
passar comtigo o resto de teus dias,
e embalar-te ao murmurio da mãe-d'agua.

³ O nosso amigo Alexandre Herculano, em principio de estudos ainda a esse tempo, mas em quem já se admirava o infatigavel fervor do trabalho, assim mental como corporal, porque já então, como ainda hoje, as suas horas de desenfadamento litterario eram dispendidas em cavar e jardinar.

⁴ No estudo da lingua alleman andava todo, e na sociedade do snr. Assentiz nos fazia, ás noites, leitura da sua traducçāo do *Phantasma* de Schiller.

⁵ Linda sallinha, desquitada do restante da casa, e posta muito bem contente e solitaria no meio do quintal do sr. Assentiz, junto á Mãe d'agua da praça da Alegria. Pozera-lhe nome de Thebaida. Nunca houve ermitães mais alegres.

⁶ Francisco Evaristo Leoni, tambem juvenissimo a esse tempo, e autor de um volume de poesias já impressas.

⁷ O padre José Theotonio Canuto de Forjó, tra-

*

Em vão doces memorias, uma a uma,
 te avivará das horas que, tão faceis,
 te fiou, dormitando, em toda a vida;
 em vão, com mil promessas seductorcas,
 te pintará mil noites de sombrinhas,
 deleitosos serões, cantigas, danças,
 tardes de Oeiras, musicas dos Arcos.⁹
 Tu, d'esta nova Dido Enéas novo,
 cumpre ovante o dever, custoso embora;
 despede-a, e, surdo aos ais, tranca-lhe a porta;
 lá tem Patriarchal, lá tem cabidos,
 lá tem solares de morgados lôrpas;
 quem possue tanto, ¿de que mais precisa?

*

Perguntarás talvez, eu que assim prégo
 ¿que faço, ou com que jus te dou tarefas?
 Mas da fruteira o officio é dar-nos fruta,

ductor do Tacito e grande sabedor de Litteratura
 classica e de Historia

⁸ O peccado mortal da perguiça era uma das virtudes do nosso amigo Assentiz. N'ella consistia, cuido eu, uma parte do segredo da amabilidade, que tão singularmente o caracterisa; assim não fosse ella tambem a culpada de nos não ter enriquecido, como bem podéra, a nossa Litteratura, tanto com a mui promettida obra, que eu n'esta carta lhe pedia, como com outras, que nos haveria dado sem nenhum custo; especialmente de theatro.

⁹ As tardes de Oeiras, e os passeios com musica aos Arcos, são d'aquellas coisas que se não hão-de descrever. Quem n'isso não entrou, não o poderia nunca entender: era contentamento extreme; não se pôde dizer mais nada. Não haverá quem não tenha na sua vida por onde entenda, pouco mais ou menos, este enigma.

da ortiga vegetar: vegeto, durmo;
se não posso dormir, traduzo Ovidio;
romantiso; edifico os meus castellos;
abraço os bons amigos de Ulyssêa;
pela lanterna magica da mente
vou correndo os painéis das tardes curtas
e curtas noites que passei contigo;
converso ao lume; e aprendo do Francisco ¹⁰
quando se malha o trigo, e plantam couves.

*

¡Vê quanto val um conversar de amigos !
comecei quasi em chôro, e em riso acabo.

¹⁰ Francisco Gomes, velho, quasi macrobio, antigo servo da residencia de S. Mamede, onde já enterrára a tres Piores. Era o superintendente das lavoiras da casa; pela sua larga experiêcia o Borda d'agua das vizinhanças, e, por nunca ter aprendido nada, nem a ler, nem sahido jámais dos seus montes, um dos mais chapados classicos que nunca topei. ¡Coitado! come-o ha já quatro annos a terra do adro da freguezia.

II

SANTA IRIA

XÁCARA

Quinta da Azenha Velha, junto a Carnide, 28 de Maio de 1839.

I

Tocam sinos em Nabancia,
tocam sinos á porfia;
é por San Pedro e San Paulo,
que se festeja o seu dia.

A' Matriz são vindas freiras,
quantas em San Bento havia;
todo o altar um ramalhete;
o povo galas vestia.

Mas nem no altar se enlevava,
nem no povo se revia
Brialdo, filho mancebo
do que em Nabancia regia:

Curiosidade o lá trouxe
do muito que ouviu de Iria;
que nem ha freira tão linda,
nem santa de igual valia.

Logo em a vendo foi cego,
de quanto o Ceo n'ella ria;
Iria é toda da gloria;
Britaldo, todo ae Iria.

Desde aquella negra hora
perdeu comer e alegria;
sonha as noites accordado,
não cuida em al todo o dia.

Promette amor e segredo,
promette oiro e pedraria,
a propria vida promette
se ella acceitar-lh'a queria.

Marido quer a donzella,
porém de mór jerarchia;
quer delicias e riquezas,
mas não oiro e pedraria.

Quer Jesu por seu esposo,
por sogra a Virgem Maria,
o Ceo por palacio e hortas,
os Anjos por companhia.

Por delicias basta a pomba
do paráclito seu guia,
que entre as flores das virtudes
n'alma lhe arrulha alegria.

Gastado dos vãos desejos
morrer Britaldo se via:
geme seu pae Castinaldo,
chora sua mãe Cassia.

Todo o povo anda pasmado,
que é dó ver tal louçania,
annos tão verdes, murchados,
pender para a terra fria.

II

Chegou a nova ao mosteiro;
lastimou-se a boa Iria:
deu lhe licença a Abbadessa
de ir ver a quem se morria.

Entrou manso ao-pé do enfermo,
que nada ver não queria;
e disse-lhe: «¡ Sus, Britaldo ! »
e elle acordou e tremia.

Reconhecendo ser ella,
recobrou nova alegria;
dos olhos, faces, e bocca,
logo a morte sacudia.

Ambos os braços alçava
como d'antes não sohia;
e por julgal-a rendida
abraçaçal-a já queria.

Como que foram serpentes
ella os braços lhe fugia;
e contrá o fogo da carne
santas rasões lhe dizia.

E vendo que ás rasões santas
o doente se rendia,
foi pôr-lhe as mãos na cabeça,
e disse com fé mui pia:

— «Nome do Padre, e do Filho,
 «e do Esp'rito que allumia,
 «acuda-te o Anjo da guarda,
 «salve-te a Virgem Maria.»

Palavras não eram ditas,
 Britaldo mui são se erguia;
 e vendo-a que se apartava,
 com esta fala a seguia:

— «Da morte, sim, me has livrado,
 «não do amor de que morria;
 «não sei se é favor, se é damno,
 «o que me ora has feito, Iria.

«Mas qualquer que me tu fosses,
 «nunca te eu mal quereria;
 «Deus te accrescente a ventura
 «com toda a que me devia.

«Eu que te chore no mundo,
 «conde tão sólto me ria;
 «tu, folga sem mim no ermo,
 «sem homem, hora, nem dia;

«que, se jamais cá me sôa
 «amor terrestre de Iria,
 «qual a vida que me has dado,
 «morte crua eu te daria.

«Adeus! e por que vás certa
 «que ninguem te livraria,
 «por Deus te juro isto mesmo,
 «e pela Virgem Maria.»

III

Mal era finda uma guerra,
outra guerra se-accendia
contra a limpa castidade
d'aquella fermosa Iria.

D'entre as rosas de annos verdes
viu Amor que a não rendia:
foi entre cans emboscar-se,
que não ha maior falsía.

Em montes de santidade,
onde se ella mais confia,
por entre as fontes da graça
lhe armou sua bateria.

Um monge, dito Remigio,
a confessal-a sohia,
varão d'annos e virtudes
o mór que em monges havia.

Namorou-o a fermosura
d'alma que nua lhe-via;
votou perdel-a e perder-se
quem lhe sempre fôra guia.

Pasmou Iria atterrada
de tão extranha ousadia;
mas logo com grão despejo
suas tenções rebatia.

Como que alfim cai na conta,
o monge perdão pedia;
e com mores penitencias
nova maldade encobria.

As calidades das hervas
todas elle as conhecia,
que umas sao para saude,
outras de gran tirannia.

Como veiu a meia noite,
da sua cova sahia;
como a meia noite dava,
hervas no monte colhia.

Colhidas que teve as hervas,
suas folhas expremia;
toda a terra era calada;
o rio triste corria.

Misturava o sumo verde
com palavras que sabia;
com seu bafo peçonhento
o sumo se-denegria.

Nenhum Anjo ousava olhal-o;
nenhuma estrella luzia:
põe Remigio olhos de fogo
no vaso... e o vaso fervia.

D'aquella infernal peçonha
temprou a mesa de Iria;
Iria estava innocent,
não suppunha mal, comia.

Comidas que teve as hervas,
logo o ventre lhe crescia;
como foi crescendo o ventre,
logo o seio se lhe enchia

O parecer do semblante
de panno se lhe cobria;
mostras de dona pejada
nenhuma lhe fallecia.

Todo o convento se-espanta,
a-despreza, e a-injuría,
toda a terra da Nabancia
ri da sua hypocrisia.

A triste não se defende,
nem defender-se podia;
Remigio a amaldiçoava;
Britaldo em furias ardia.

Tudo era contra a coitada;
nem o Céo não lhe acudia;
chorem leões, chorem ussos,
chorem tanta barbaria.

IV

Foi Britaldo ter, a occultas,
com um que na terra havia,
acostumado a alugar-se
em qualquer malfeitoria.

— «;Ora sus, Banão! — lhe disse—
«boa nova eu te daria:
«que houvéras tu prata e oiro
«se a ferro morresse Iria.»

Depois de cuidar um pouco,
Banão assim respondia:
— «Fizera-o eu por dar gosto
«só a tua senhoria.

«Quantas monjas tem San Bento,
 «quantas eu te mataria:
 «traze ora o que prometteste,
 «que ella morta, eu posto em via.»

Recebido o oiro e a prata
 á façanha se partia.
 Soube em que parte da cérca
 aso de a colher teria.

Por entre umas matas densas,
 por-li o Nabão corria;
 logar mui feito a tristuras,
 por brenhas e penedia.

Nas horas mortas da noite,
 quando do côro sahia,
 ali vinha ajoelhada
 chorar mais resas Iria.

N'aquellas silvestres lapas
 logo Banão se escondia;
 nem vento não respirava;
 a lua n'agua tremia.

Bem poderam piar mochos;
 só um rouxinol se ouvia,
 ao som do murmúrio fresco
 das pedras entre a água fria.

Banão, por livrar do somno,
 que no esperar lhe crescia,
 n'uma pedra, manso e manso,
 a afiada espada afia.

Detem-se, que ouviu passadas;
surge, olha em redor, espia...
quando n'uma lágea bronca
vê de joelhos Iria.

Dava-lhe a lua no rosto;
como estrella resplendia;
e apertando as mãos alçadas
estes prantos proferia:

—«Jesus, Esposo d'esta alma,
«ó santa Virgem Maria,
«ó celestes potestades,
«ó Anjo, meu casto guia,

«já nada pôr mim vos peço,
«que eu nada vos merecia;
«mas que não se perca a fama
«das monjas com quem vivia.

«Tirae do escandalo o povo,
«e o convento da agonia,
«e eu que morra...» Eis mão de ferro
que a garganta lhe tolhia.

E eis que vibrada no ouvido
esta palavra rangia:
—«Britaldo agora te mata,
«Britaldo, ¿entendes, Iria?»

E logo um tinir de ferro,
uma espada que luzia,
a garganta atravessada,
o corpo em terra batia.

¡ O sangue que borbotava !
 ¡ e um lume que aos Ceos subia !
 ¡ e em roda d'elle mil Anjos
 com celeste melodia !

v

O corpo da virgem Martyr
 lá vai na corrente fria,
 nú dos habitos sagrados
 que desde a infancia trazia.

Ramo de lirios e rosas,
 que aboiava, parecia;
 do Nabão tomou-a o Zêzere;
 com elle ao Tejo descia.

Assim veio navegando
 n'aquella agua corredia,
 aquella alva barca humana,
 que seraphins traz por guia.

De sangue vai purpurada
 por mais nobre galhardia,
 dado aos ventos o cabello,
 que era as vellas que trazia.

Por onde quer que passava
 tudo ao longo rescendia;
 té que veio aos pés de um monte
 que junto a Escálabi havia;

e ali, onde um bom remanso
 o Tejo fundo fazia,
 foi sepultada nas aguas
 perla de tanta valia.

Todos os Anjos e Archangos
da celeste jerarchia,
no fundo d'aquellas aguas
trabalharam todo um dia.

Lavraram-lhe um moimento
de pedra mui luzidia;
depois cantaram-lhe obsequias
de estremada melodia.

E antes que outra vez tornassem
para a eternal monarchia,
co'as conchinhas de mil côres,
e o oiro que o Tejo cria,

sobre a campa lhe entalharam
um letreiro que dizia:
«Livre da terra, aqui poisa
a virgem mui santa Iria.»

Sagrada a veia do Tejo
ficou desde aquelle dia.

III

Para entrar no capitulo da *Tomada de Santarem*, nos meus *Quadros Historicos de Portugal*, é que fôra traçada esta xácará de Santa Iria. Descuidei-me ao versejal-a, que era em meio de umas sombras mui frescas de um pomar, banhado em aromas de flor de laranja, onde, em quanto eu ditava os meus versos á minha secretária, cantava, para outro cabo, os seus, o rouxinol mais poeta e namorado que eu nunca ouvi. Quando reparei na minha obra, já ella estava descompassada para o intento; razão por que logo ali fiz, para o logar d'ella, a cantilena que no dito capitulo se encorporou, e que, por não deixar separadas a duas irmanzinhas quasi gemeas, e em tão ameno sitio geradas e nascidas, me pareceu bem trazer para aqui; e é a seguinte:

OS DESEJOS DO ROMEIRO

O sol té aos fundos penetra do mar.
; Quem fôra planeta de tanto luzeiro !
que vira o que nunca ver poude o romeiro,
segredos divinos de muito folgar.

Veria em que valle do Tejo, encantado,
reluz o sepulcro de tanta valia,
e n'elle, entre palmas, de rosas coroado,
o corpo de Iria.

As aguas co'as folhas teem longo palrar.
 ; Ai bordas do Tejo, quem fôra salgueiro !
 de uns psalmos soubera, que ignora oromeiro,
 segredos divinos de muito folgar.

Soubera os cantares, que a todo o momento
 os anjos renovam com gran melodia,
 debaixo das ondas, em torno ao moimento,
 sacrario de Iria.

; Quem fôra a sereia do mago cantar !
 ; ou quem te soubera, cantar feiticeiro !
 da veia do Tejo, de noite ao romeiro
 cantára mil coisas de muito folgar.

Cantara-lhe a vida do lirio entre espinhos
 nascido, creado, desfeito n'um dia,
 e como ao Ceo alto, por novos caminhos,
 subiu Santa Iria.

Assim descantava, de noite, ao luar,
 em barca boiada sem mão de remeiro,
 no pégo de Iria, de Iria um romeiro,
 accezo em saudades de santo folgar.

E ao somno passando com esta memoria,
 sonhou que os desejos o Ceo lhe cumpria...
 Destaz-se-lhe o sonho, desperta na gloria,
 ; e vê Santa Iria !

IV

AS FLORES

DEVANEIOSINHO DE UMA ALVORADA
DE PRIMAVERA

Quinta da Murteira, na Bairrada,
5 de Abril de 1823.

Em fresco pomar de Abril,
n'uma alegre madrugada,
vagando Nympha gentil,
viu uma arvore toucada
de flores a mil e a mil.

—«;Como estes ramos são bellos !»
diz comsigo, e colhe um ramo,
que enlaça nos seus cabellos.

Hastesinha, orgulhosita
de ornar a Nympha louçan,
só gloria e festa cogita;
já córa de ser irman
da mais flor que o bosque habita.

; Que ar e troncos tão grosseiros !
; Quem lh'os dera já trocados
em salões e lisonjeiros !

Desprêzo, dó, e praser,
mostrou deixando o arvoredo;
mas saudades, nem sequér.
Ramos houve, que em segredo
murmuraram de tal ver;

principalmente uns visinhos,
de quem sempre recebêra
fragrancia, abrigo, e carinhos.

Houve-os tambem, que invejaram
da vaidosa a condição,
e tal desgosto ganharam
á rustica solidão,
que de tristinhos murcharam.

Mas um pecegueiro velho,
Nestôr d'aqueilles pomares,
em curva edade e conselho,

dos frondosos circumstantes
no murmúrio attenta um pouco;
de seu seio alguns instantes
bane o motim crespo e rouco
de seus enxames errantes;

alça o cume um tanto mais,
e socegado assim fala
na lingua dos vegetaes:

— «Deixae ir esse imprudente,
•pobre ramo sem ventura;
•agora está mui contente
•porque aprouve á formosura,
•e vai viver entre gente.

«Domína em throno doirado,
«festas espera e louvores:
«¿ser-lhe-ha firme ou longo o fado?

«Deixa-e-o tornar com ella
«á tarde outra vez aqui;
«vereis qual sorte é mais bella.
«Eu, que mil ramos já vi,
«já lamento a sua estrella.

«Em nosso manso pomar,
«a seus destinos brilhantes
«dêmos graças de escapar.

«Hoje por nós temos Flora,
«logo Pomona virá;
«se o cultor nos ama agora,
«amigos, ¡que não será
«da colheita em vindo a hora!

«Comnosco a alegria esteja;
«quem tem viço, flor e fruto,
«não sei que mais bens deseja.

«;Inda a inveja vos-faz guerra!
«pouco abalo o sermão fez:
«;murmurios o bosque incerra!
«pois bem; não fui d'esta vez
«propheta na minha terra.

«Paciencia, esperaremos,
«e talvez que em poucas horas
«concordes todos fiquemos.»

Volveu a Nympha ao sol posto;
e em quanto via e revia
no regato o lindo rosto,
da trança, onde já morria,
lança o ramo com desgosto;

e alguns botões dos mais bellos
veem da proxima r^c seira
enfeitar os seus cabellos.

Cantando e léda partiu
sem mais pensar no raminho,
que todo o dia a serviu.
Diz-se até que o coitadinho
o incauto pé lhe sentiu.

Então triste o moribundo
viu toda a immensa distancia
de um pomar ao *bello mundo*.

. . . et dulces moriens reminiscitur Argos.

V

OS TREZE ANNOS

CANTILENA

Hortas da calçada do Duque, Pas-
choa do Espírito Santo de 1840.

Já tenho treze annos,
que os fiz por Janeiro:
madrinha, casae-me
com Pedro Gaiteiro.

Já sou mulherzinha;
já trago sombreiro;
já bailo ao domingo
co'as mais no terreiro.

Já não sou Annita,
como era primeiro,
sou a senhora Anna,
que móra no oiteiro.

Nos serões já canto,
nas feiras já feiro,
já não me dá beijos
qualquer passageiro.

Quando levo as patas,
e as deito ao ribeiro,
olho tudo á roda
de cima do oiteiro;

e só se não vejo
ninguem pelo arneiro,
me banho co'as patas
ao pé do saigueiro.

Miro-me nas aguas
rostinho trigueiro,
que mata d'amores
a muito vaqueiro.

Miro-me olhos pretos
e um riso fagueiro,
que diz a cantiga
que são captiveiro.

Em tudo, madrinha,
já por derradeiro
me vejo mui outra
da que era primeiro.

O meu gibão largo
de arminho e cordeiro,
já o dei á neta
do Braz cabaneiro.

Dizendo-lhe : — «Toma
«gibão domingueiro,
«de ilhoses de prata,
«de arminho e cordeiro.

«A mim já me aperta,
e a ti te é laceiro;
tu brincas co'as outras
e eu danço em terreiro.»

Já sou mulherzinha,
já trago sombreiro;
já tenho treze annos,
que os fiz por Janeiro.

Já não sou Annita,
sou a Anna do oiteiro;
madrinha, casae-me,
com Pedro Gaiteiro.

Não quero o sargento,
que é muito guerreiro,
de barbas mui feras,
e olhar sobranceiro.

O mineiro é velho;
não quero o mineiro:
mais valem treze annos
que todo o dinheiro.

Tão pouco me agrado
do pobre moleiro,
que vive na azenha
como um prisioneiro.

Marido pretendo
de humor galhofeiro,
que viva por festas,
que brilhe em terreiro;

que em elle assomando
co'o tamborileiro,
logo se alvoróte
o logar inteiro;

que todos accoram
por vêl-o primeiro,
e todas perguntam
se ainda é solteiro.

E eu sempre com elle,
romeira e romeiro,
vivendo de bôdas,
bailando ao pandeiro.

¡Ai, vida de gostos!
¡ai, ceo verdadeiro!
¡ai, paschoa florida,
que dura anno inteiro!

Da parte, madrinha,
de Deus vos requeiro:
casae-me hoje mesmo
com Pedro Gaiteiro.

VI

EPIGRAMMA

Lembrou-se de casar Thomé caduco;
porém não quiz: ¿e a causa? ao pôr do sol
enterneceu se ouvindo o rouxinol...
mas já de tarde tinha ouvido o cuco.

VII

A INFANCIA

TRADUZIDO DO DINAMARQUEZ, DE BAGGESEN,
E PUBLICADO NO «PANORAMA»

Quando eu era pequenino
(tinha um côvado de altura;
em me isto lembrando, chôro,
e no chôro acho doçura.)

Era o brinquinho de todos;
era da casa o regalo;
a mãe me trazia ao collo,
o pae no hombro a cavallo.

Tristezas, penas, cuidados,
eram tanto para mim,
como os risos de Glicéra,
como o dinheiro e o latim.

Fazia ideia do mundo
ser mais pequeno do que é;
mas suppunha-o mais alegre,
e cheio de boa-fé.

Nuvem da aurora ou poente
sempre cuidei ser papoilas;
o iris, pedras mui finas;
as estrellas, lentejoilas.

Custava-me em tantas joias
não poder pôr as mãosinhas;
¡que invejas vos tive ás azas,
ó mosquitos e andorinhas!

Se um monte apanhava a lua,
¡quem me lá déra, dizia,
a ver se é bem redondinha,
e de que é feita, e se é fria!

¡Pois o sol! ¡como eu scismava
de o ver cada tarde, ao certo,
ir todo alegre apagar-se
no mar doirado e deserto!

¡E logo a manhan seguinte,
das nuvens rasgando o veo,
trazel-o de novo accezo
já de outra parte do ceo!

Mil coisas então pensava,
no meu juizinho estreito,
ácerca do Pae Celeste,
que ao sol e a mim tinha feito.

Com devoçao de creança
punha as mãos e ajoelhava,
e as orações repetia,
que a boa mãe me ensinava:

«Pae do Ceo, fazei que eu siga
cas santas leis que me dais,
que seja amigo de todos,
que vos agrade, e a meus paes.»

Depois resava por elles,
por minha irman, pela gente
que morava em cada choça
da nossa aldeia innocent;

pelo Rei, que eu nunca víra,
e velhos pobres, que eu via
pagar-nos com suas rezas
a esmola de cada dia...

¡Tempos de paz e de gosto!
de vós que resta?... a saudade.
Esta, ao menos, Deus piedoso
m'a conserve em toda a edade.

Lisboa — Março de 1838.

VIII

ABORTO DE UMA SATYRA

Coimbra, 17 de Setembro de 1829.

Nasci, graças aos Ceos, n'um seculo de peta.
Medita-se o lunario; estuda-se a Gazeta;
ferve o papel-moeda; imprimem-se versões;
ha punhos sem camisa; ha sem vintem funcções;
ha serviços sem premio, e premio sem serviços;
dentes, ilhargas, seio, e cabellos postiços;
nobrezas sem nobreza, e virgens sem o ser;
e sermones sem moral; e esposos sem mulher.
¡Seculo de oiropel, baixaste á humanidade !
¡Viva a geral comedia ! ; e viva a nossa edade !

IX

ADVERTENCIA

O verso alexandrino, que é entre os Franceses o mais *commum*, talvez pela propria idiosincrasia da Lingua, que, se hoje vai opulenta de poesia, nunca ha-de deixar de ser mesquinha para a musica e para o rythmo; o verso alexandrino foi sempre, e é ainda hoje, quasi desconhecido nos lavores dos poetas de Portugal, Castella, e Italia, onde só um ou outro curioso o cultiva por exhibição, como planta forasteira.

Ora, como a variedade seja em coisas de arte e luxo condição muito principal, era claro que, se ás duas medidas vulgares do hendecassyllabo, e do octosyllabo, que são todo o nosso haver heroico e lyrico, se podessem ajuntar, não só o alexandrino, mas quaesquer outras combinações métricas, em o diligenciar se fazia boa obra, e boa avença se levaria em o conseguir ; sendo de mais a mais que assim ficava o escritor mais surtido de tintas de melodia, para acertar pelo natural com as côres do seu pensamento.

Esta tentativa foi a que eu fiz na minha traducçao dos *Amores* de Ovidio, e em outros opusculos de dias ociosos, em que me

dava mais cuidado o tamanho e geito da fôrma, em que havia de vasar uma ária, do que hoje me dão muitas questões que alvorotam botequins e parlamentos,

Pauperum tabernas, regumque turres.

O verso alexandrino foi o que me pareceu, a principio, mais rebelde; e foi por isso mesmo o contra que empreguei maiores empenhos. Cheguei, cuido eu, a domestical-o; a ponto não só de levar com boa cara quanta carga se lhe podesse deitar, mas até de sujeitar-se a grilhões, e phantasias, com que em França, sem absoluta necessidade, o opprimiram.

Este apólogo dos macacos é amostra d'isso mesmo: as rimas graves e agudas (femeas e machas, como os Franceses, não sei porquê, as appellidam) aqui vão regular e constantemente alternadas, sem que nunca duas diversas graves, ou duas diversas agudas se achem juntas. A partição e pausa forte de cada hemistychio são sempre observadas.

Tanto escrúpulo não aconselharia eu aos que tivessem pouco tempo para perder; mas o adoptar o métro e servir-se d'elle rasgadamente, sim, e muito que sim: — 1.^º pela razão, que já toquei, da maior variedade, no que vai muito para os recursos de quem escreve, e para o regalo de quem o lê ou ouve: — 2.^º porque, quanto maior é o ambito do verso, mais farto pôde ser o pensamento, ou o affecto que nos elle apresente de uma vez, o que nenhum poeta, que saiba da coisa, negará ser de uma grande vantagem para os effeitos.

Por último: não imagine alguém que eu apresento, nem esta, nem outra qualquer de minhas trovas, como exemplar de coisa alguma; foram quasi todas ellas passatempos meus, e já agora não transcenderão de meros passatempos para os leitores.

OS MACACOS

APÓLOGO

Vivia no Brazil, lá n'uns sertões opacos,
um monão, pé-de-boi, com filhas e mulher.
Na cova que elegeu, longe dos mais macacos,
tinha todo o seu mundo, e todo o seu praser.
Uma nascente á porta, á roda um bosque cheio
de canna doce, côco e banana sem fim,
eis a adega, o celeiro, a cosinha, o jardim.
E' o Eden macacal na abundancia e recreio.
¿Que lhes falece? nada; a bondade, a affeiçāo,
lhes sobredoira a paz da estreita solidāo.

Uma sesta, que ao sol estava dormitando
toda a hirsuta familia esmoendo o jantar,
um saguim caçador, estafado e suando,
quiz o acaso que errante ali viesse dar.
Pedi agua; o bom velho o conduziu á fonte;
as filhas serviçaes colheram frutos mil;
e enquanto os iam pondo ao hospede gentil,
a mona mãe lhe abana e lhe dessua a fronte.
¿Quem de obsequios não gosta? era já negro o ceo
quando o saguim se foi, mas voltar prometteu.

Não faltou á palavra: a aurora do outro dia o viu com outro irmão já no hospicio outra vez; a segunda com dois; a terceira com tres; e assim foi, de um em um, crescendo a companhia. Já não eram somente os irmãos do saguim, eram primos sem conto, amigos, conhecidos, desconhecidos... tudo. Agora, agora sim.
 ¡Que inéza, que brincar, que obsequios repetidos!
 ¡A's filhas, que respeito, e que affectos ao pae!
 Em delicias desfeito o tempo se lhes vai.

Passou-se mez e meio; os bródios amainaram, não suprindo ao consumo o estafado vergel. Então, qual foge o enxame ás flores já sem mel, bons tres quartos ou mais da sucia desertaram. Mas ao menos o resto odeia infamia tal; não podem supportar amigos int'resseiros; ao mono cada um protesta ser leal; tem poucos, mas agora amigos verdadeiros.
 —«Fobresa, eu te agradeço, — o honrado velho diz — «afugentaste os maus; co'os bons vou ser feliz.»

Passou tempo; morreu-lhe uma das macaquinhas, das duas a mais bella, a gloria do sertão. Não só perdeste, ó pae, o maior bem que tinhas, mas na sucia fiel vês nova deserção. Inda carpia o velho um golpe tão funesto, quando seguir da morte approuve o exemplo a amor: namorado saguim, amavel seductor, da prole lhe roubou e lhe fugiu co'o resto. As filhas já lá vão... mas ao menos a mãe... ¿que é d'ella? apaixonou-se, e fugiu-lhe tambem.

Não succumbas á dôr, distrae-te co'os amigos,
repete-lhes teu mal, tão digno de seu dó.
¡Ah! ¡miserio Simão! ¡de tantos bens antigos
nem filhas, nem mulher, nem um amigo só!
Um preto, homem de bem, que me contou tudo isto,
tal qual ao meu leitor acabo de o contar,
me disse, que até aqui podia asseverar
tudo verdade ser, como se o houvera visto.
Mas em duvida punha, e por certa rasão,
tudo mais que se segue a esta narração.

O mono endoideceu co'a força do desgosto,
a um rio se atirou, d'onde a nado fugiu;
correu muitos sertões, até que um dia viu
de monos uma aldeia (era quasi sol posto).
Atrepou a um coqueiro, e com sonora voz
desatou a prégar ao som de mil gemidos:
— «Macacos, o meu mal seja um bem para vós!
«horrorise os bons paes, atterre os bons maridos,
«os pródigos converta: a vista ponde em mim;
«das coisas no principio está d'ellas o fim.»

— ¡Monos que dais partida, olhae que esses marmelos
não visitam ninguem pelos seus olhos bellos!

X

PREAMBULO AOS VERSOS LIBERAES

Salomão exclamava: «Vaidade das vaidades, e tudo vaidade!» Um poeta romano que não tinha lido Salomão, mas tinha visto o mundo, escrevia: «;Oh cuidados dos homens! ; oh! ; que de vaidade não vai em tudo!»

¡ Oh curas hominum! ¡ oh quantum est in rebus inane!

Não ha philosopho que não tenha dito outro tanto; nem sequer ignorante, de certa edade para além; que o não tenha sentido muitas vezes. Por mim digo: de quantas verdades cheguei a adquirir, nenhuma trago mais assentada e immutavel do que esta; triste é ella, mas em compensação é a unica maxima terrestre em que não ha vaidade.

Uma das coisas que mais me chegaram a este desencantamento senil, foi muita parte dos meus proprios escritos. E' incrivel o como, quando por acaso acerto de folhear algum d'elles, lá de annos a annos, o acho transformado, e sempre para peior. E' o mesmo que succederia a um amante, que tivesse dado á terra a virgem dos seus pensamen-

tos, vestida de branco, engrinaldada de assucenas, e ainda formosa atravez da pallidez, e com apparencia menos de defunta do que de quem estava a dormir a morte, e reclinada a descansar de virtudes para voar ao ceo, assim mesmo com as suas assucenas brancas, com o seu vestido branco, e só com a diferença de duas azas de azul celeste e oiro; e a achasse, a cada visita nova ao sepulcro, mais desfigurada, mais desconhecivel, mais horrenda, mais esqueleto, e mais vaidade de vaidades, que até no féretro e no sepulcro se escondem ainda os sobejos d'ellas.

Os affectos, as paixões, as alegrias, os pesares, as esperanças, as proprias côres do estylo, galas de linguagem, suavidade de metros, tudo isso, que eu estava bem certo de ter deixado n'um volume recem-findo, que sepultava para a minha gaveta, tudo me aparecia demudado; ou antes: tudo tinha desapparecido; e entretanto, aquelle papel era o mesmo; nada tinha sido n'elle riscado, accresentado, escurecido, nem contrafeito. Não; mas os annos, que a elle só lhe tinham desbotado um pouco a tinta, tinham-me cá por dentro, nas regiões grandes da alma, arrazado e edificado muito, posto ruinas onde eram palacios, levantado cidades e castellos onde antes eram ermos.

A lyra exterior era a mesma, mas não eram os mesmos os sitios por onde ella toava; os eccos, com as demolições e edificações, tinham-se mudado. Voltada para onde o tinha ficado eternamente, já nada lhe respondia.

*

A prosa e os versos liberaes d'este volume nasceram em dois tempos, diversos entre si, e diversissimos ambos d'este agora.

Tinha eu ainda entao amores politicos, e portanto todo o seu natural cortejo de ciumes, odios e, tempestades. Cria deveras na felicitação do mundo pela Liberdade, para a nossa vida; e hoje, em coisas politicas, nem já atino com o que hei de crer.

Tudo isto digo, afim de que todos aqueles de meus leitores, que já como eu houverem passado da zona torrida da existencia para o circulo polar, aonde todos chegamos se não morremos na primeira mocidade, dêem benevolamente o mesmo desconto que eu dou a muitos defeitos graves d'estas paginas, cujo minimo não é a frequente expressão do odio e da vingança; odio theorico na verdade, e vingança theorica, como são sempre os dos poetas, a mais pacata gente, em largando a penna, que nunca houve n'este mundo.

*

Por uma coisa quero eu mal á Liberdade, a quem por tantas quero bem. Tem um grande senão; vejo-lh'o hoje, que sou seu amigo; não lh'o conhecia, em quanto não passava de seu amante apaixonado. E' demasiadamente varonil; tem cabeça forte, mas muito poucochinho de coração; e é pena. Nenhum poeta liberal, que eu saiba, desde Harmodio até Béranger, poude ainda fazer d'ella mais do que uma philosophia; e uma philosophia não é uma religião. Foi mal posto

um nome feminino a isto de Liberdade; haviam de lh' o dar masculino, ou neutro. Por isso, mulheres liberaes de lei são tão raras, e não são talvez as melhores.

¿Mas porquê? porque a indole da mulher, a feminidade, tomada em complexo, não é senão amor; e se este amor se divide para se estudar, averigua se que não é senão amores: amor de filha, amor de mãe, amor de amante, amor de esposa, amor da familia, amor da casa, amor dos desgraçados, amor das flôres e da Natureza, e tambem um pouco amor de si mesma, que é muito justo, e muito bem empregado.

As discussões, soberbias e malquerenças, de que a Liberdade necessita para medrar, ao menos por ora, que ainda não é adulta, e anda muito doidinha com a sua mocidade, tudo isso é bom para o sexo que luta com os toiros, com a artilharia, e com as ondas. Ellas não, ; as pobresinhos! que na partilha ficaram com os deveres, e muito contentes.

E' providencia! que ás vezes me ponho eu a scismar o que seria o mundo, sem mulheres e creanças; e supondo que, assim como ha arvores que dão côcos, as havia tambem que dessem homens, e já crescidos e perfeitos... (perfeitos, figuradamente falando, perfeitos como nós)... parece-me que um tal mundo havia de ser muito liberal, mas durar muito pouco. O deputado, o jornalista, o tribuno (e todos haviam de querer sel-o) recolhendo-se á noite para a sua poisada, que sem mulher pouco havia de differir da dos animaes domesticos, não teria quem, pela doçura, pelas caricias, e até por mil fu-

tilidades, lhe desse treguas aos pensamentos altivos e dissociaes. O somno só o viria tomar, quando a vigilia o tivesse prostrado. Quando em sonhos barafustasse cuidando andar ás punhaladas com um usurpador, não haveria ali quem o acordasse com um beijo na testa, que é o melhor exorcismo para taes demonios, e o reconduzisse a sentimentos mais doces com um falarzinho, entre sentido e ledo, que sabe descer, pelos torcicólos mais reconditos, como um mineiro, ao fundo do coração.

Até o muito falar reprehendemos ás mulheres; e n'isso nos mostramos, além de nescios, ingratos para com ellas e para com Deus, que nolhas fez, quaes as haviamos de mistér. Sem esse, que nós chamamos defeito, ¿quem nos houvera ensinado a fala em pequeninos? ¿quem nos encheria a casa d'esta melodia que não acaba? ¿e quem nos desfaria os nublados, ás vezes tempestuosissimos, do pensamento?

Quando Deus fez a primeira mulher, fel-a, nos disse Moisés, porque viu que não era bom que o homem estivesse só: e não era, não. Hoje briga-se por ellas, aqui e acolá; se as não houvesse, brigava-se em toda a parte, e por tudo. Aquella cobardia e fraqueza que os philosophos tolos lhes reprehendem, e que, bem deitadas as contas, são mais fortes do que a nossa força, são as que, 365 vezes cada anno, nos impedem de nos devorarmos uns aos outros. Não são liberaes, não são; mas são melhor do que isso; porque amam muito, e amam sempre; e ensinam-nos tambem a nós a amar o nosso pouco.

*

Ora isto, digo eu, isto de fazer amar, é o que a Liberdade não tem, ao menos por ora, nem teve nunca; ahí estão as historias gregas e romanas que vol-o digam.

Tenho portanto explicado, segundo me parece, de um modo claro, o por que, n'esta tal prosa e n'estes taes versos, se encontra um desabrimento e sequidão, que eu, n'outro tempo lhes não sentia, mas que em verdade teem. Tudo aquillo será philosophia liberal, se lhe quizerem fazer favor; mas poesia, é que não pôde ser.

Julgo que fica dada satisfação bastante, assim para que os mesmos a quem eu, quando aquillo escrevia, julgava querer mal, não só me absolvam, mas até me desculpem; como para que os anatomicos de estylo me relevem de muita culpa e pena.

Este mesmo pendão de misericordia, desejo eu que valha ainda para cobrir a todo o jornal donde tómo algumas d'estas mesmas composições, e do qual, Deus e muita gente me-perdõem, eu era o redactor; chamava-se a *Guarda Avançada*.

ADVERTENCIA

(*Extracto da «Guarda Avançada» n.º 17,
de 25 de Março de 1835*)

Não tencionava eu dar jamais á luz estes versos, não só porque d'elles fazia, como poesias, o devido conceito, senão tambem porque o ressuscitá-los era avivar eu em mim

mesmo muito tristes memórias, que mais folgára de perder. A tudo porém me sujeito já, e ora os dou fielmente estampados, para confusão de testimunhadores.

A *Revista* disse em uma de suas folhas, que eu fizera versos aos *inauferiveis*. Eu, que já agora não aprenderei a dizer injúrias em logar de factos, direi factos, ainda que o dizei os, e convencer d'elles, já seja injúria a quem os sabe, e para mentir os escurece; por todo o dinheiro da Inglaterra, não quizera para mim a infamia de quem taes coisas escreve.

*

Cahiu a Constituição do anno vinte, graças em parte ás diligencias que para isso fizeram, mais talvez por êrro de cabeça que de coração, alguns dos que hoje, mais por êrro de coração que de cabeça, agoiram á Carta não melhores destinos.

Restabelecido, ainda que manso, o despotismo do senhor D. João VI, em quanto nós outros, os liberaes, gemiamos em segredo, medrosos dos mil ouvidos e mil olhos da Intendencia, multiplicavam-se em toda a parte aquellas estrondosas festas publicas, em que os gritos de viva e de morra são egualmente horrorosos.

Coimbra, onde eu então me achava, com os seus conventos, com a sua Universidade, com o seu Cabido, devia de se estremar entre todas as cidades; e, em quanto, entre alaridos de sinos, e estrepito de foguetes, o *Te-Deum* virava a casaca, delineava-se nos paços reitoraes, por um ajuntamento de Len-

tes e filhos de Desembargadores, triduo de capella com sermões, triduo de luminarias com oiteiro.

Os sermões e as luminarias faceis eram, porque azeite e frades não faltavam na terra; mas o citeiro, a não se querer em prosa, que essa em toda a parte abunda, apresentava a difficultade de não haver poetas, e muito menos absolutistas,

...Cum tot ubique
Vatibus occurras....

Lembrou-lhes o diabo em mal, que eu e meus irmãos versejavamos, e que em oiteiros constitucionaes o tinhamos feito; e procurando ao mesmo tempo desencantar, e trazer da parte d'el-Rei, ao seu oiteiro alguns poetas principiantes academicos, o Reitor empenhou meu pae em fazer-nos apparcer.

Meu pae, ornado de singulares virtudes, cheio de amor para com a sua familia, e amadurecido por largos annos de experien-
cia, amava no seu coração a Liberdade, mas
não era Romano; e se a alguma coisa queria
mais do que a ella, era a seus filhos. Livre
já do entusiasmo e imaginação brilhante,
que na flôr da mocidade tanto exaltam o ho-
mem, julgaria commetter um crime, se ás
theorias liberaes, que elle achava na sua ra-
zão, mas não acreditava se realisariam em
nossa vida, sacrificasse estabelecimentos e
commodos, que, fiado nas suas numerosas
relações, esperou sempre de nos obter. Se
era ou não este o melhor modo de pensar,

não o sei; nem, ainda que o soubesse, ousaria dizer-o; no tribunal do nosso entendimento todas as autoridades são processaveis, excepto um pae; e quando as nossas lagrimas já teem corrido sobre a sua sepultura, a sua memoria se nos torna sagrada, como uma divindade sobre a qual não nos é lícito levantar os olhos.

Antes de nos expôr o desgraçado compromettimento de sua palavra, teve que oppugnar e vencer o seu proprio coração; foram segredos, que só mui tarde, depois do seu falecimento, podemos saber da nossa mãe.

Meu irmão Augusto Frederico de Castilho e eu, apesar de todo o nosso respeito, de toda a nossa ternura filial, ousámos então, pela primeira vez, resistir-lhe, demonstrando-lhe em nós impossibilidade moral de realisar os alheios desejos, que elle nos apresentava como seus. Depois de dado o primeiro passo, já lhe não era então possivel retroceder. Insistiu; achou-nos sempre filhos, mas inabalaveis.

Para ver se, de um modo airoso, conciliava o seu com o meu dever, propuz lhe me deixasse partir logo para uma quinta afastada quatro leguas da cidade, onde eu ficaria com o pretexto de doente; cedeu; e eu parti, com o coração cheio de amargura. Sobre meu irmão se reuniram desde logo todos aquelles exforços, que, repartidos até ali por dois, menos difficeis tinham sido de contrastar.

As instancias de uma familia inteira, accrescendo ás ordens de um pae, produziam um d'aqueles espectaculos, a que a virtude

mesma, sem desmerecer o seu nome, se pôde render. Meu irmão resistiu.

Eu chamo para testimunha de tudo isto, não só a voz publica, porque desgraçadamente tudo isto transpirou, mas um homem que, por força, deve ser acreditado. O snr. Joaquim Antonio de Aguiar, então amigo intimo de nossa casa, era admittido ao secreto da familia; elle soube tudo; direi mais: elle mesmo ajudou a combater a nossa constancia; e (se mais ainda é preciso para tornar esta minha prova irrefragavel) eu, que o cito para dar uma sentença sobre a nossa honra, ao mesmo tempo lhe declaro que o não amo,¹ e que o não amo desde o dia em que o julguei renegado de nossos antigos principios. Bem; eis aqui agora factos para que o chamo.

*

N'essas desgraçadas vesperas, entrando elle no quarto de meu irmão, o achou a ler profundamente, em Lucrecio, aquelle passo com que tantos suicidas se teem preparado contra os terrores da morte. Ouviu-o, escarneceu-o, e arrancou-lhe o pensamento insensato de renunciar a vida, para se livrar do que elle julgava a sua deshonra. Convenceu-o de quanto era pueril o dar tanta importancia a uns versos, que, de mais a mais, sé podiam até n'aquelle occasião fazer, sem n'elles escandalisar o bom senso e a philosophia. Sim;

¹ É necessario não perder de vista a data e o espirito do jornal, d'onde me foi forçado arrancar esta prosa.

tudo isso foi verdade, e meu irmão, ferido d'este raio de luz, rendeu se.

Restava eu.

Tocado das lagrimas da minha familia, munido de cartas d'ella e do exemplo de meu irmão, o snr. Aguiar vai ter comigo em Aguiim. Em uma sala da quinta do Tanque, elle consome uma manhan toda para me convencer, e eu volto com elle para Coimbra, não para festejar o absolutismo, mas para dar, do modo possivel, e em grande publico, um documento de liberal.

Duas peças em verso solto, e um soneto, foram tudo que n'aquelle oiteiro fiz. A esterilidade do assumpto, tornado ainda mais sécco pelas minhas restricções mentaes; a repugnancia com que trabalhava; e o aperto do tempo que mediou entre a minha chegada e o oiteiro, foram parte para que estes versos me sahissem, em minha consciencia o digo, miserrimos. Acharam todavia grande favor em um auditorio, que n'essas tres noites se mostrou tão liberal, que grangeou á cidade nada menos que a visita de uma alçada. Se os meus versos tivessem respirado servilismo, ¿como teria eu tido a honra de ter por amanuense o snr. Aguiar, em quanto os compuz?

Nada quizera accrescentar a isto, mas não posso resistir á tentação de transcrever as seguintes Notas do Lente de mathematica Sebastião Corvo, em consequencia das quaes todas as poesias d'esse oiteiro, de que se imaginára fazer um livro, deixaram de ser impressas; o autógrapho conservo o em meu poder.

**Notas sobre as Composições do oiteiro,
por Sebastião Corvo**

«Nas reflexões seguintes não entendo, nem por sombras, accusar malicia alguma da parte dos vates; antes estou profundamente convencido da sinceridade, pureza de pensar, e bom animo d'aquelle senhores. E' por amor da propria utilidade d'elles, que me arrisco talvez a desagradar-lhes, para evitar os effeitos de certa desconfiança, a qual já se começou a desenvolver, mesmo no oiteiro, em varias reflexões venenosas; e n'estas cousas o perigo está todo no principio. Sobre este particular conversei eu logo então com alguns dos dictos senhores, e fiz tal ou qual diligencia, para que isso chegasse aos ouvidos de todos; de sorte que não faço agora mais ou pouco mais, do que repetir o que ouvi n'essa occasião, e o mesmo, que eu disse com pequena diferença. Haja-se pois tudo isto por muito expressamente declarado, para que não tenha logar a mais leve suspeita contra mim, que eu certamente não mereço.

«Em quanto ao merecimento poeticó das composições, direi sem lisonja, como já tênh'o dicto muitas vezes, que excederam grandemente, sem dúvida por eu não conhecer a pessoa dos auctores, ao menos como vates, a expectação, em que eu estava. Neste sentido tomei tão sómente a liberdade de apontar umas ninharias, as quaes absolutamente me pareceu, que poderiam ter escapado na revisão; a saber:» Seguem-se aqui algumas reflexões ácerca do snr. Judice Sa'no-

ra, e do snr. Cunha e Carvalho. Estas composições que o snr. Corvo reuniu debaixo do titulo SEM NOTA, acha elle que podem ser impressas.

(*Seguem-se reflexões ás poesias minhas e de meu irmão, que elle comprehende na seguinte rubrica: COMPOSIÇÕES QUE NÃO PARECE CONVENIENTE PUBLICAREM-SE, AO MENOS NAS ACTUAES CIRCUMSTANCIAS.*)

(A)—*A' margem N. 8:* «Este Elogio (*não são versos meus*) para o fim, e mesmo no ultimo verso, dá por desgraça occasião a parecer d'aquellas «Poesias Constitucionaes», onde maliciosamente se insinuaram a Sua Magestade uma especie de *conselhos ou advertencias asperas*, pondo mēdos com a sorte de alguns Soberanos; e se arrojava uma prēgação perpétua contra a tyrannia: dizia-se bem da sua Real Pessoa, porém sempre, ao menos indirectamente, muito mal dos Reis e da Realesa. E' certo, que em um Elogio dirigido a um Rei, não se diz mal de outros Reis, por ser indecencia mais que manifesta. Isto até entre particulares é uma grande incivilidade. Além d'isso (falando figuradamente) todo o papel é branco em comparação da tinta de escrever, e comparação tal só pôde servir no elogio do papel pardo. N'uma palavra: é necessario confessar, que com decencia e com gosto, Neros e Calígulas nunca podem entrar no elogio de um Soberano, especialmente como o nosso.

(B)—*A' margem N. 5:* «Estes versos (*são versos de meu irmão*) logo desde o principio, no seu todo, e varias partes, dão muito logar a interpretações sinistras, como as da nota precedente.»

(C)—*A' margem N. 1:* «As baforadas canticas» (*é o meu soneto «Todos livres»*) de ambos os quartetos d'este soneto não entram em tal assumpto, senão para se atacarem vitoriosamente, e destruir-se de todo o seu pernicioſo eſteſo; de outra sorte teem visos d'aquellea chamada «Confissão de Voltaire», onde se publicaram descobertamente os seus erros, debaixo do fraco, e malicioso salvo-conducto de um «Confesso que errei, n'isto e n'est'outro». As antecipações, que infelizmente existem, dão todo o logar a esta lembrança maligna.»

(D)—*A' margem N. 3:* «No elogio de um Rei (*é a minha «Meditação»*) e por conſiguiente da Realeza, não pôde vir bem a proposito o «indifferentismo politico»; isto dá muita occasião á malicia de juizos temerarios, e muito mais ainda aquellea pintura, parece que feita de bom grado, de uma rebellião da plebe romana, aonde sobresahem as côres do «enthusiasmo republicano».

(E)—*A' margem N. 4:* «Vinte e tantos versos de crimes, e penas de Reis condemnados pela justiça dos Ceos (*é a minha «Apparição de Fenelon»*) parecem mais uma prégação doutrinal, mui fóra de proposito, do que um elogio. Isto lembrou no outeiro, com as malignas reflexões sabidas.

«Eis aqui em resumo o que me ocorre. E mais me lembra, por occasião do Sonho ultimo, trazer á memoria d'estes senhores, que a desgraça de Fénelon na corte proveiu de uma interpretação maligna d'esta qualidade.»

(Segue-se: Compoſições com algumas notas, etc. etc.)

XI

A APPARIÇÃO

... poucos Reis o Inferno encerra,
porque entre poucos se divide a terra.

GABRIEL PEREIRA DE CASTRO — *Ulysséa*.

¡Meia noite! Cançado o pensamento,
e cheio o coração do amor da Patria,
adormeço.

¿Phantasma venerando,
que me queres? ¿Quem és? ¿D'onde has surgido?
¿Roupas sacerdotaes! ¡na dextra um bago!
¿Quem és, pastor de espiritos? ¡Que aspecto!
¡Que sorrir de pacifica virtude!
¡Que auréola de luz nas cans pendentes!
¡Quanto ceo, quanto amor, no olhar, nas vozes!

¿E's tu visão da mente allucinada,
luminoso phantasma, ou vens do Elysio?
¡ah! vens do Elysio! Eu te conheço e adoro,
dos Reis educador, dos Reis amigo,
amigo das Nações, eu te abençôo.

¡Fénelon! Fénelon! ¡Que nome, ó povos!
¡com que suave orgulho o repetimos!

Fénelon! Fénelon! ¡Por que entre os loiros,
que ao tumulo lhe dão canóra sombra,
não vāo todos os Reis mudos sentar-se
a meditar cada anno um dia ao menos!

Com ar meigo e risonho o sabio velho
a dextra me estendeu, e em tom de amigo,
—«Vem, meu filho,—me diz—segue os meus passos;
«leio em teu coração, leio em tua alma;
«tu amas a verdade, e ousas dizel-a;
«odeias mais que a morte a vil lisonja;
«queres de Lysia ao Rei dar puro incenso.
«Vem pois; o incenso puro, o digno d'elle,
«em vāo por outra parte o buscarias;
«só para além dos tumulos, no Elysio,
«na mansão da verdade, é que se colhe.
«O enflorado laurél, com que pretendes
«c'roar, poeta, a c'roa do Monarcha,
«lá o tens; acompanha-me; não tremas;
«nos jardins de além mundo as flores riem
«formosas, immortaes, immarcessiveis,
«como as sombras de heroes que alivagueiam.»

Da sacra aérea mão tocado apenas,
sinto subito o ânimo arraiado
de interna luz insólita; sou livre,
livre como elle das prisões terrestres,
senhor de mim, dos seculos, do espaço.
Transposta a horrenda Estyge, o Léthes mudo,
eis se abre á sua voz a brônzea porta,
sem que ouse a nos ladrar o cão trilingue.

Por entre povos de infelizes sombras,
sanguinolentas, pallidas, convulsas,
que em tormentos de horror se revolviam,
fomos correndo. A abóbada de ferro

retumbava co'a barbara mistura
dos açoites, dos silvos das serpentes,
dos ais, das maldições, de tardas queixas,
do clamor das Euménides raivosas,
dos dentes a ranger, do pranto amargo,
e do fragor dos inflammados rios.

— «;Olha:—me exclama o conductor chorando—
«n'esses campos de horror, sem fim, sem fuga,
«vê ;que de povos réos se estão carpindo!
«je estarão sempre! A imparcial justiça
«na terra a procurais, e ella aqui mora.
«;Não vês por este oceano de infelizes,
«alguns, de longe a longe, em quem das furias
«os açoites mais ríspidos estalam?
«são esses os Calígulas, os Neros,
«os Reis... que o sceptro em clava transformaram,
«bebedores de sangue; outros, no luxo,
«ao som dos ais da Patria... adormeceram;
«muitos, de insano amor escravos torpes,
«de amadas entre as mãos depondo o sceptro,
«pagaram co'o seu povo os seus praseres;
«muitos, não vendo nume em céo sem raios,
«ousaram, vís hypocritas, fingir-nos
«um Deus a seu contento e á sua imagem,
«um Deus por quem os principes nefandos
«reinavam, que fadára a especie humana
«á escravidão e ás trevas da ignorancia;
«e ao alfange, ao patibulo, á fogueira
«mandaram propagar esse ímpio culto.
«Santa Religião, teu véo sem mancha
«assim foi pelas mãos do fanatismo
«encobrir a politica oppressora.
«Muitos, ebrios de glória, (oh glória! oh nome!)
«para pascer seus olhos insolentes
«disseram: Ide, exercitos, ser paga

«de um trophéo que nos orne a régia estância.
 «¿ Não os vês? pelas penas os procura;
 «não pelo trajo; as purpuras não passam,
 «não passam c'rôas para cá das campas.
 «Saiâmos já das lóbregas moradas,
 «horrendo ingresso ás regiões piedosas.»

¡Eis o Elycio! eis o Elycio! esqueceu tudo.
 Aura pura e vital, clarão sereno
 nos restaura, nos enche, e nos consola;
 ¡tudo é jubilo, amor, delicias d'alma!
 De arvores immortaes ondeiam bosques,
 sonoro imperio de mais bellas aves.
 Atravéz de planicies de ambrosia
 mana, em rios caudaes, o leite e o nectar.
 Em sua veia, em suas margens de oiro,
 sob as verdes abóbadas frondentes,
 d'onde chovem o mel, o incenso, as flores,
 perenne côro de gentis sereias
 aos dignos de renome alteiam hymnos.
 Cada um tem a sua: em quanto vivo,
 teve-a dentro; é seu nome — a consciencia.—
 Flores, sem nome em linguas de viventes,
 brilham por toda a parte, entretecendo
 alcatifas, pyramides, grinaldas,
 grutas, palacios, thálamos, cabanas.
 Tudo é risonho, harmonico, suave,
 perfumado, fecundo, enlêvo, festa.
 — «Segue-me sempre, me bradou meu guia.»
 Segui-o.

¡Salve, Elycio dos Elysios,
 monte ineffavel, nem sonhado a vates;
 triumphal Capitolio, sem Tarpeia;
 mansão dos heroes maximos! — «Detem-te—
 me diz, parando, o conductor: — «Chegámos:

«não te é dado ir avante. Aos estremados
«d'entre a turba dos optimos, a elles
«só, pertence este sitio. Olha a cidade
«pomposa de palacios diamantinos,
«sua eterna vivenda; a minha (¡graças,
«graças aos numes bons!) lá está no cume,
«por entre os loireiraes, em cujas folhas
«MENTOR, MENTOR! os zéphyros sussurram.»

«Logo á hora em que nasce um genio grande,
«aqui mãos invisiveis lhe assignalam
«seu alcáçar futuro; mas a traça
«da architectura, a vastidão, a alteza,
«a escolha da materia, estão pendentes,
«sem n-o elle presumir, do seu arbitrio:
«cada accção que lá faz digna de premio,
«troca-se em preciosa pedraria,
«que vem ser parte á fabrica solemne;
«e á hora do expirar... o exemplo novo
«que então dá, fecha a abóbada; retinem
«vivas em todo o Elycio, e elle apparece.»

Disse, e me foi mostrando, uma por uma,
as estancias dos principes d'outr'ora,
que deram leis, virtude, e gloria á terra.
Por sobre cada portico brilhava
de um semi-deus o nome. Uns inda vivos
na tradição, na historia, e nas saudades;
outros sepultos co'as nações sepultas.

— «¡De novo morador poucas diviso!»
— «Poucas», — me tornou elle; e vi fugir-lhe
o perenne sorrir dos labios mudos;
mas recobrando-o logo: — «Alça teus olhos
«ao cimo... além... ao cimo... á dextra parte
«dos lares meus,— bradou — entre a poisada

«de Tito, o bemfasejo, e a do meu Numa,
 «que lá está sobre o thálamo de rosas
 «co'a a sua Egéria ao lado. Entre elles, surge,
 «com assombro dos dois, outra vivenda,
 «que bem vês d' hora a hora estar crescendo:
 «é o lar de João, do Rei dos Lusos.
 «Este, sempre benigno, ha-de seus povos
 «accumular de bens, encher de gloria;
 «artes, sciencias, brilharão por elle.
 «Em ti mesmo, em ti mesmo, obscuro vate,
 «de seu amor, de seu amparo ás musas,
 «eu vejo estar brilhando um claro annuncio.¹
 «Será de Lysia amor, do mundo inveja.
 «¡Oh! se me fôra licito mostrarte
 «futuros que no animo insoffrido
 «me estão fervendo... Basta: ao mundo volve;
 «conta o que has visto; incredulos não ternas:
 «dize que Fénelon só foi teu guia;
 «para te darem fé, sóbra o meu nome.»

Cheio de espanto, de prazer absorto,
 corro, e busco beijar-lhe as sacras vestes;
 busco tres vezes abraçal-o ao peito;
 tres vezes me fugiu ligeira sombra.
 Cheio de santo horror, tremendo, acórdo:
 e em caractéres indeleveis sinto
 n'alma impressa a visão, que excede os sonhos.

¡Lusitanos, folgæ! Jámai se apague
 em vossos corações tão fausto agoiro.

NOTA

1 Não por vaidade de talento, que não ha em mim onde a assentar, mas só por ambição de agradecido, quero registar aqui, para credito do Monarca dadi-voso, o decreto com que, para me exforçar de pre-encher as esperanças que de mim se tinham áquelle tempo, e que tão imperfeitamente vingaram, Sua Ma-jestade me fez mercê de pão abundante para toda a vida; graça, que, a ter ainda hoje efeito, me dispen-saria de desbaratar em trabalhos cançados, desluzi-dos e morredoiros, a maior e melhor parte da poe-tica substancia que ainda me resta. *Dis aliter visum.*

Decreto de mercê feita a Antônio Feliciano de Castilho

Por efeito da minha Real munificencia, em atten-ção ao distincto talento, que tem manifestado Anto-nio Feliciano de Castilho, e á grande applicação com que se dedica ao estudo das sciencias na Universi-dade de Coimbra: Hei por bem fazer-lhe mercê da propriedade de um dos officios de Escrivão e Chan-cellier da Correição de Coimbra, que se acha vago, não tendo ficado filhos legitimos do ultimo proprie-tario: e sou outro sim servido conceder-lhe faculda-de para nomear serventuario, sendo pessoa apta e approvada pela Mesa do Desembargo do Paço. A mesma Mesa o tenha assim entendido, e lhe mande passar os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em 8 de Julho de 1819.— Rubrica de Sua Majestade.

XII

MEDITAÇÃO

RECITADA NA SEGUNDA NOITE

*Quare fremuerunt gentes, et populi
meditati sunt inania? Adstiterunt reges
terræ, et principes convenerunt in unum.*

PSALMO II

Quando o genio mortal, arrebatado
de fervente, de audaz philosophia,
se abalança a girar no inextricavel
labirintho moral da especie humana,
vai sem guia, sem norte, esvoaçando
por trevas densas, que a rasão não gasta.
Em suave planicie enxérga ao longe
larvas brilhantes de risonho aspecto;
ali corre, ali pára; exulta; e lança
sobre a movele areia as amplas bases
de alta Constituição que illustre os povos,
os melhore, os contente, os felicite.
Raciocinios, não homens estudando,
social perfeição tocar presume;
Fortuna, a primogenita do Eterno,
o pune da ousadia; as asas bate,
e o pomposo edificio eis que se abyssma.

Fugiu, desfez-se em nada o mentiroso
tropél de larvas de risonho aspecto.

De governo em governo os povos giram;
o insaciavel coração não dorme;
monarchia, republica, tyrannos,
tudo houve em Roma, e ¡Roma descontente!
A moral perfeição... ventura a todos,
¿quem pôde afoto promettel-a aos povos?
Homem, tu pôdes pôr um nome aos astros,
conhecer suas órbitas immensas,
forçar a terra a se cobrir de frutos,
das bravas feras subjugar as furias,
o raio ardente dirigir na queda,
torcer o curso aos caudalosos rios,
rasgar o seio dos sanhudos mares,
voar aos gêlos, que amontâ o pólo,
subir aos ares transcendendo as nuvens,
baixar da terra ás lóbregas entranhas;
homem, tu pôdes tudo, o Eterno o soffre;
mas o Eterno não quer, mas tu não pôdes,
teu proprio coração tornar contente.

Velam sobre o universo olhos supremos ;
na mão do Creador se volve o mundo;
Elle nos vê, nos ama; os seus mysterios
é defeso sondar. Pára, recúa,
philósopho, ante o Deus, autor dos homens.
¿Pôdes tu mais do que elle? ¿A' Providencia
pôdes suster o insuperavel curso?
¿Teus projectos não vês, não vês que abortam?
nascido em Sparta, cidadão te ostenta
sublime, audaz, republicano altivo.
Nascido em Roma, nos formosos dias

de um sabio Numa, a Realesa adora.
Segue a Pompeu nos transes da Pharsalia.
Cumpre as leis, serve á paz, e ao bem da Patria.

¡Mas inda descontente, inda murmuras!
nas do govêrno variadas fórmas
só uma aos olhos teus pôde ser justa,
conforme á Natureza, e boa aos povos...
Volve os olhos, philósopho, procura
mais cauta luz nas margens do Tamisa.
Britannico Nestôr, que tu veneras,
lá te-dirá:— «Cada nação reputa
«pelo melhor o seu governo antigo;
«tem cada um seu genio, os seus principios,
«moral, virtudes, muita vez oppostas.»

¿Como ha-de o velho, á Monarchia affeito,
pequenos cidadãos republicanos
á Patria apresentar? ¿como ha-de em Roma
crear vassallos, que sujeite a Cesar,
um severo Catão? ¿como creal-os
um Povo inteiro, a cujos pés cem vezes
se abateram no pó lictóreos feixes,
e a alta cerviz os consules dobraram?
Subjugar-se tentou Roma orgulhosa,
mas viu-se o Povo abandonar seus muros,
dizer sem custo adeus aos patrios numes;
co'os tribunos á frente, e celebrando
da republica o nome em sacros hymnos,
ir-se abrigar nas proximas montanhas,
e ali gosar de Roma entre os desertos.

Falae, pendões do liz, leões da Iberia,
Lusas quinas, falae: ¿que prol surtiram
em torno a vós pregões da Liberdade?
co'o brilho, estrondo, e rapidez do raio

ella ha passado; e novamente o sceptro,
qual desde priscos seculos se vira,
se vê na mão dos Reis.

Salve tres vezes
o de pod'rosos Reis pod'roso filho!
do Povo mais fiel, do mais submisso,
grande, augusto senhor; em paz repoisa
seguro á sombra dos herdados loiros !

XIII

SONETO

RECITADO NA TERCEIRA NOITE

MOTE

Sagrae-lhe cultos, erigi-lhe altares

Todos livres, eguaes todos nascemos;
é lei, virtude, instinto a liberdade.
Não quer ferros quem busca a sociedade;
homens servir a homens não queremos.

Alma, raio do Ceo, todos nós temos;
sobre nós só a Lei e a Divindade.
¿Servir ou morrer deve a humanidade?
morra: escolha o melhor dos dois extremos.

Assim bradou Catão republicano,
presto a soltar o espirito nos ares,
depois de Roma extinta, inda romano.

Volve, Catão, dos tenebrosos lares;
dirás, vendo o Monarca lusitano:
Sagrae-lhe cultos, erigi-lhe altares.

XIV

Ahi diante vai agora uma coisa, chamada *Ode*, porque emfim algum nome se lhe havia de dar. E' parodia da xiv do 1.^o livro de Horacio, a qual por isso me pareceu bem pôr-lhe em correspondencia. Se o eu não fizesse, raro leitor poderia acarear a imitação com o original, porque Horacio, que tinha a basofia de se persuadir de que nunca havia de morrer de todo, já se acha, não só morto e condemnado, mas enterrado, perdido, e posto em esquecimento. Uma ode sua, quando por algum acaso, como este, apparece agora, faz a estranhesa de coisa nova; é o que sempre acontece com o muito antigo; é como quem desencanta um osso de masthodonte.

*

Por mim confesso, que do perdimento, em que vão cahir totalmente dentro em pouco os poetas romanos, tenho pena: era outra religião, outra civilisação, outra gente, não ha duvida; mas conheciamos tudo aquillo. Na escola nos tinhamos naturalizado ro-

manos com os nossos mestres, que o eram como Scipião e os Gracchos; e tão crentes, que não datariam senão por kalendas, no-nas e idos. As nossas primeiras noções aquellas foram. Brincámos, crescemos com Rómulo e Remo, e ainda os vimos mamar na loba, que por signal era ruiva, na margem do Tibre, ali onde estava uma fogueira. Assistimos á primeira fundação da aldeola de Roma; ás suas primeiras brigas de feiras, chamadas batalhas; ao seu rapido adolescer; á formação de sua indole nacional; ás suas ambições sem limite convertidas em realidades; á transformação das suas rusticas virtudes em vicios esplendidos, em crimes sel-lados com o cunho da grandiosidade. Os nossos primeiros affectos, n'aquella edade, em que se não pôde amar senão no vago, á luz da Historia romana e ao calor da romana Poesia, se desenvolveram e floriram. ¿ Qual de nós não assistiu presencialmente ao rapto das sabinas? ¿não esperou, com o coração a pular-lhe, o signal do Rei, no meio do espe ctaculo, para ir tomar a sua, que de certo não era a mais pécca? ¿Quem se não lembra de que estava em casa de Lucrecia n'aquella mal estreada noite da visita do primo Tarquinio? ¿Quem se não recorda de se ter achado muita vez no circo, ao pé da tribuna das vestaes, e com alguma d'ellas enter-rado vivo no fundo do sepulcro vazio, entre a lanterna, um pão, e uma bilha de agua? ¿no Egypto com Marco Antonio, á mesa de Cleópatra, quando ella engoliu a perola? ¿ e n'aquellas festas escondidas da deusa Bona, tão apetitosas para rapazes? ¿ e nas de Ve-

nus, que não carecem de epitheto? ¿e nas de Flora? ¿e nas campestres das nymphas das arvores, das fontes e dos rios? E direi mais, porque é verdade: ¿qual é de nós o que n'esses dias d'entre puericia e juventude, cathequizado pagão pelo Chompré, e confirmado tal pelo seu Tibullo, Propercio e Ovidio, não contemplou com anciedade a luta do christianismo, recemnascido e coroado de espinhos, com o paganismo velho e coroado de flores, ¿e, mirão contraditorio d'aquelle indeciso jogo, não favoreceu com um certo desjosinho secreto aquillo mesmo que aliás reprovaria com o entendimento?

.....video melicra, proboque,
Deteriora sequor.....

Isto, que sucedeu a todos os que ainda estudámos Latim, tambem já havia passado pelos nossos poetas velhos, d'onc veio sahirrem todos elles, no que escreveram, tão pagãos como um arúspice; e, quando não, lá está o Camões, que ha-de ser o que sempre em tudo se ha-de citar: baptisado tinha elle sido, mas quem o procurasse achar, havia de ser n'um banho da Castália ou da Aganippe.

*

Depois dos poetas romanos, vieram pois estes poetas romanizados, radicar-nos ainda mais n'aquellas primitivas affeições, tão casadas com a edade em que as tomámos, e tão de

lembra e suspirar para as que de apoz se
vão seguindo; depois, a mesma terra, onde
morâmos, fez para aqui muito (que toda ella
foi romana), e o está confessando nas ruinas
de edificios, nas reliquias de dinheiros e de
artes, em parte da legislação, em quasi to-
das as supersticões e usanças populares, e
bem podemos dizer, na totalidade da lingua-
gem, cujas palavras, ainda as que menos o
parecem á primeira vista, são latinas, e se-
mi-latinas as conjugações, as phrases, a con-
strucção, as figuras e allusões, e não poucas
das joias postiças de proverbios e anexins.
Ora depois de tudo isto, quererem que ati-
remos todas as latinarias ao diabo, para nos
ficarmos só com um ou dois generos de an-
tigualhas menos antigas, e não sei se accres-
cente que de menos substancia poetica (as
gothicas, por exemplo, e as moiriscas) pare-
ce-me que não é bem; já porque em vez de
ampliar cabedaes é restringilos, e já porque
é mandarem-nos renegar o que nunca de
todo se renega, que são as phantasias que
nos encheram o coração na primavera da
vida.

*

Se esta prosa parecer sobreja para a pou-
quidate do assumpto que a suggeriu, peço
que a recebam como explicação e defensa
adiantada de alguns versos meus latinos,
com que, pelo discurso d'este volume se vi-
rão a encontrar; versos que eu bem podia
ter deitado ao lume, como outros muitos,
visto o como vão os tempos para este gene-

ro de fazenda, mas que assentei em salvar, por ter sido esta a lingua, em que primeiro versejei, e a que por isso sobre todas me recreia; e tambem para que meus filhos, incitados por este documento, ponham peito a sabel-a mais deveras do que hoje se costuma, porque sem muito de Latim não creio eu na possibilidade de haver nem muito pouco de Portuguez.

QUINTI HORATHI FLACCI

AD REMPUBLICAM

LIB. I, OD. XIV

O Navis, referent in mare te novi
 fluctus. O quid agis? fortiter occupa
 portum. Nonne vides, ut
 nudum remigio latus

et malus celeri saucius Africo
 antennæque gemunt, ac sine funibus
 vix durare carinæ
 possunt imperiosius

æquor? Non tibi sunt integra lintea,
 non di, quos iterum pressa voces malo.
 Quamvis Pontica pinus,
 silvæ filia nobilis,

jactes et genus et nomen inutile:
 nil pictis timidus navita puppibus
 fudit. Tu, nisi ventis
 debes ludibrium, cave.

Nuper sollicitum quæ mihi tedium,
 nunc desiderium curaque non levis,
 interfusa nitentes
 vites æquora Cycladas.

AO ESTADO

Entrando para Ministro o Conde de Basto.

ODE PARODIADA DE HORACIO

¡O' Nora, novo burro escoicinhando
te-vai metter em azoinado giro!

¡Oh! ¿que fazes? ¡vais dar teu cabeçalho
a orelhudas cabeças!

¿Não vês como os calabres te despiram
dos alcatruzes que regavam hortas,
atando-te outros que entre si se esguicham
sem deitar nada fóra?

¿Não vês como os suões que te hão zurrado
te racharam as rodas? ¿como se abrem
os eixos com caruncho? As noras velhas
já não são para danças.

Não tens calabres sãos, nem carpinteiro
por quem chames cahindo escangalhada,
bem que eras de bom pau; de antiga mata
bem que te chames filha.

Nada fia um quinteiro que é prudente
em vêr pintado a oleo o engenho podre;
se não queres cahir esbandalhada,
tem cuidado co'o burro.

XV

ELEGIA PRIMA

AD MUSAM QUOD LATINE SCRIBERE INCIPIAM

Nunc nova Castalides repetamus carmina Musæ,
carmina non patriis emodulanda sonis.
¿Ecqua data est toties patrio sermone canenti
gloria? ¿quæ nostris laurea serta comis?
¿Quid Nymphas profuit, quid nos silvestria, Faunos,
agmina, quid vernalis concinuisse rosas?
Et juvenum curas modulis, et pocula Bacchi
me frustra docuit Teia Musa Senis.
Nequicquam in tragicis ausus prodire cothurnis;
vel duo, vel nemo, carmina Lusa legit.
¡Jam pudet exactorum sic sine honore laborum!...
tende, precor, doctum, Musa Latina, chelyn.
Me juvat in Latii perfundi fontis humore;
insequor et lauros, Naso poeta, tuos.
Non patrii post hac visurus culmina Pindi
auferor, infrondens destituoque solum.
Jam steriles valeatis, agri, et vos, mœnia Mondæ,
quiique Tagum colitis, barbara turba, Getes.
Altera me revocant jam Numina; Numina fas est
ut sequar, et nutus, aurea Fama, tuos.
Ergo meæ ventis cymbæ date carbasa, Musæ,
gloria quo nobis æquore monstrat iter.

Vos, zephiri, adspirate fugæ, adspirate secundi,
vosque adeste, salis, cærula turba, Deæ.
Jam me Romano currentem pectine chordas
adspicient populi, qua patet usque solum;
et me jam noscent gaudentes Tibridis undæ,
et Rhodani, et fluctus, maxime Rhene, tui.
Sequana me capiet, Nilus, Tanaisque nivalis,
et Thule, et primo littora clara die.
Solve ratem jam, Musa fugax, vos, quos ego iinquam,
este salutati tempus in omne mihi.

XVI

ELEGIA

IN NATALEM MEUM

xxvi Januarii Anno M.DCCC.XXVIII

Sidera carminibus veniunt dignissima festis,
sidera per nostras adnumerata dies.

Jam mihi post quintum subiit lux tertia lustrum,
candida natali concelebranda meo.

Ergo agite, et loeto perfundite pocula Baccho,
excitet ut festum tristia corda merum.

Quisquis es, obductis cui mens male nubibus horret,
hinc abes, ó nostris inficiande jocis.

Ite procul durum curæ genus, ite, labores,
omina nascenti neuquid acerba ferat.

At vos et violis mensas, et spargite lauro
limina, dum referunt myrtlea serta Lares.

Jam decet inducta redimiri fronde poetam,
et dare numinibus jam bona musta bonis.

Parce, deum genitor, vos parcite, numina Ponti,
quiique cruentata, Mars, geris arma manu;
parcite, vos cuncti, quibus est non rustica cura;
quid mihi vobiscum est? Rusticus arva colo.

Sed vos, ó Nymphæ, adsitis, mea gloria, Nymphæ,
spernite et arboreas, candida turba, domos,

Et sacros fontes, et gratis flumina ripis,
 pictaque purpureis floribus antra suis.
 Necnon arborea Cybele de fronde revincta,
 et, quæ custodit pascua lœta Pales,
 flava Ceres, Bacchusque pater, Faunique bicornes,
 et Flora, et quotquot numina campus habet.
 Sed vos ante omnes nostris succedite tectis,
 Thespiadum castæ, turba novena, deæ.
 Tempus adest votis; sacro intremuere penates
 adventu, et sensi corde micante deos.
 Jamque, precor, taciti linguis animisque favete,
 nam fas est humili verba referre sono.
 Dique, deæque omnes, quibus est mea rura tueri
 cura, quibus placeo simplicitate meâ;
 quos ego jam posito revoco ad convivia libo,
 dum viget integris alma juventa rosis;
 vos facite, ut quotquot dederint mihi fila Sororum
 tempora, seu juveni, seu tribuenda seni,
 semper apud nostros lætetur Musa penates,
 sanctaue libertas, purpureusque pudor;
 ut circum modulentur aves, ut grandia pleni
 poma habeant rami, pascua sempre oves.
 Nec desint æstate umbrae, zephyrique nemusque,
 nec careat pleno bruma severa foco.
 Nam mihi divitiæ, paupertasque improba sordent,
 vos date me parca simplicitate frui.
 Mens sana, et sanum corpus; sint semper amici,
 quos inter vates adnumerare velim.
 Exulet a tectis, aditus vel nesciat istos
 quicumque aurata struxit in urbe domum.
 At famæ imprimis rumor exulet, impletat urbes,
 magnorumque canat magna tropœa ducum,
 fortia facta virum, casusque et nomina regum,
 aut populi tristi jura relapsa vice.
 Quid juvat agrestem, quarum non indiget, arces
 noscere? me silvæ, me casa parva capit.

Sit nobis tantum curæ, quid proferat arvum,
quod solvat partu fæta capella suo;
an soles, nimbive juvent, an fertilis annus,
quærere; quo crescat vinea læta jugo;
vel quibus incisa decerplos cortice ramos
inserere arboribus, tempore quove, novos.

Area parva quidem laudi, sed maxima nobis,
tuta quibus satis est munera habere deūm.
Sed quid ego invideam luxum, quid sceptræ tyrannis?
Læta redit semper nox mihi, læta dies.

Nec timeo quo se vertat fortuna, nec amens
tela puto jamjam per latus ire meum.

Hic me nemo timet, vigili nec milite servor;
janua, dum carpo somnia, nostra patet.

Quod vescor, nutrit ager, quod vinea, poto,
defluit arboribus mensa secunda meis.

Non mihi gestantur bis tinctæ murice lanæ,
sed mea quam nigro tegmine portat ovis;
Vidi ego, quæ traherent de collo fila puellæ,
atque inter cantus crescere noctis opus.

Aureis ille rotis, veste spectabilis aurea
pervolet, ut circum quisque miretur opes;
et plateæque, forumque tonent spumante quadriga,
centum equitum currat post sua terga manus.

Nos, ubi libuerit, lenti spatiabimur umbra,
neque meos gradus q'ii notet ullus erit.

Tityrus in pratis formosus obambulat ipsis,
et mecum repetit, quos dedit ante, sonos;
et modo Gessneri, modo dulcia carmina Quïæ
ad ripam canimus prætereuntis aquæ.

Inspirant violæ, vocat aura, nemusque subire
suadet, ubi ad cantus stat philomela suos.

Inde pedes quocumque ducent, sine lege vagamur,
aut sedeo, aut dulcis lumina somnus habet.

Quid nimis? ergo agite, o divique, deæque colentum.
Neve preces referant ventus et aura meas.

Hic sinite optata labi mea tempora pace;
me tegat ista, precor, terra beata pium.
Olim forte aliquis montana cacumina cernens,
queis nostri quondam delituere lares,
vos, dicet, valeatis, agri, quibus ossa poetæ
maxima condit humus, nec lapis ullus habet.
Qualiacumque estis, vos jam, loca sacra, verebor,
queis fas felicem condere posse virum.

XVII

VERSOR

escritos no album de Miss Martin
na vespera do seu embarque para Londres, onde se havia
de demorar por alguns mezes

Dos Anjos, irmãos teus, o côro léve
te siga pela undosa immensidade;
e lá na Patria e na tornada breve
te não deixem soffrer mais que a saudade.

XVIII

Não imprimiria este soneto, á conta do seu cruissimo desabrimento, principalmente agora, que tantos annos passaram já, depois de absolvido pelo infortunio o objecto d'elle, se, no tempo em que temerariamente o mostrei a poucos amigos, se não tivessem espalhado cópias d'elle pelas mãos de todos os liberaes. Não o posso aniquilar: registo-o, para ao mesmo passo ficar registada a reprovação, que nunca deixarei de dar a semelhantes abusos da exageração poetica.

A0 USURPADOR

NOS DIAS DA SUA OMNIPOTENCIA

«¡A'vente! calca o povo lusitano.
«Pune-o da culpa de te crer sincero.
«Sê benigno co'os maus, co'os bons severo,
«e o throno assenta no terror, no engano.»

«Nem vestigio sequer já tens de humano;
«em poucos dias excedeste a Nero.
«Filho algoz, vil Caim, perjuro, féro,
«¡parabens! triumphaste, impio tiranno!»

O hymno das Furias, seu hosannah, é este:
e se cabe o praser no abysmo eterno,
monstro dos monstros, ;que praser lhe déste!

Mas ha, mas vela um Arbitro superno;
se ao som dos ais da Patria adormeceste,
ao som do raio acordarás no Averno.

XIX

O SACRIFICIO A CAMÕES

ADVERTENCIA

O seguinte poemeto foi scismado em Lisboa, onde negocios urgentes me trouxeram a furto do meu esconderijo na residencia parochial de S. Mamede da Castanheira do Vouga, quando a perseguição a liberaes, no reinado de D. Miguel, campeava mais acceza. O saudoso alto da freguezia das Chagas, onde tão bons dias de infancia e primeira mocidade havia passado, me inspirou isto, e muito mais, que não coube na escritura. Eram tempos maus; e comtudo, da noite até deshoras em que me pasci n'estes pensamentos, parece-me que tambem agora estou sentindo saudades.

POEMETO

Depois de tanta ausencia, eis-me sentado na conhecida pedra, em face ao templo que ri de longe ao marinheiro luso.
Aquellas são as arvores; ¡oh troncos,
troncos da minha infancia! ¡aquella a tôrre dos tão sonoros, tão contentes sinos!

Eis lá em baixo o Tejo; cá se ostenta
a chusma de apinhados edificios.
Alvejae para mim, como alvejaveis,
edificios da Patria; e tu, fulgura
sob a lúa eminentíssima, amigo Tejo.

¡Oh! ¡que formosa lúa a de Ulysséa!
Esta sim, esta entende-me; conversa;
tem coração, espirito, saudades,
devaneia, suspira.

Astro fagueiro,
¡quem nos mudou assim; vi-te outro tempo
brilhar sobre estes muros, como um lustre
de opulento festim; hoje assemelhas
meditabunda luz sobre sepulcros.
Então, apoz o dia afadigado
me hospedavas aqui, n'esta hora mesma,
por baixo d'estas arvores festivas,
com musicas e amor, com dança e versos;
inda hoje cá me attrais, mas solitario.

¡Eis o estio! o passeio vai deserto;
os assentos são nús, e este ar é mudo.
Inda os nossos segredos se confundem,
astro gentil; ¡mas quão diversos hoje!
N'esse commercio nosso antigamente
tudo eram bens e jubilos; agora
somos nós dois amigos que se abraçam
para carpir sobre commum desastre.

Lua, ¡não te restar um só d'aquellos
raios de tanto amor!... ¡uma só aura
minha amiga, uma só, que em seu carinho
me enxugasse estas lagrimas teimosas!...

Embora; corram livres e abundantes
desde as raizes da alma, origem sua.
A minha alma está triste, igual á chamma,
que arde encolhida e que palpita a medo
ao pé do moribundo em tardas horas;
as trevas invejosas mais de perto
a investem cada vez, flutuam, crescem,
veem, fogem, precipitam-se, triumpham,
¡a alampada expirou ! Taes se me apinham
em torno da rasão medrosa e incerta,
das desgraças da Patria horrendas sombras.
¡Ah! ¡se a rasão tambem lhes succumbisse!

Fugir, com o coração rasgado e morto,
de lusos campos, que assolavam Lusos;
vir buscar um consolo, onde cuidava
que a polidez, o luxo, e os restos grandes
da alta opulencia antiga encobririam
os ais da dôr e a pallidez da fome;
vir buscar illusões dos bens na falta,
¡e achar mais fundo horror!... ¡que alma de ferro,
tanto mal, sem tremer, contemplaria !
Por estas horas, um sussurro alegre
animava tudo isto. Eram torrentes
de esplendidos frisões, troantes coches,
que abalavam as ruas inundadas
de mil vistosos, mil contentes ranchos.
Pelas francas janellas trasbordavam
luz, vozes, riso, canticos, ventura.
De povo estuavam fulgidos theatros.
¡Ah! ¡penuria e terror mudaram tudo !
Os bailes e espectaculos trancados
em muda noite dormem; não respiram
de uma só casa as vozes da alegria;
os laços sociaes se espedaçaram;

o cidadão dos cidadãos se esconde;
 o homem entre homens solitario gême.
 Tornou-se crime a voz e o pensamento,
 o amor da Patria réo, dever o opprobrio.
 Nos profanados templos retumbaram
 os pregões de Baal; e em face ao Christo,
 seus ministros, impunes, premiados,
 mentem aos Ceos, á terra, á consciencia;
 vertem da lingua fel, blasphemia, embustes;
 como orvalho celeste imploram sangue;
 e esquecido o Evangelho e a caridade,
 o odio, as vinganças, o alcorão voseiam.
 Peja a innocencia os carceres; a honra
 vai com ferros aos pés varrendo as ruas;
 os tribunaes só velam para a morte;
 nas praças aterradas não descançam
 os cadafalsos, as vorazes pyras;
 o algoz recebe dons, e escuta applausos;
 e os argos do poder, sem fim, sem conto,
 espiam, colhem, levam de contínuo
 ao genio assolador **materia nova**.
 Tal jaz este gigante das cidades,
 tal lhe roe nas entranhas renascentes
 eterno abutre de implacavel fome.

¡Patria, Patria, e nem ais se quer nos deixam!
 Cala-te, coração; não me recordes
 o tempo, em que toda esta Lusitania
 era digna do sol que a faz tão bella.
 Respiravamos n'ella uma harmonia
 da terra e ceo, da natureza e do homem.
 ¡Quem previu tal futuro! Assim folgava
 Pompeia, e já nas lavas do Vesuvio
 lhe vinha a morte, a campa, o esquecimento.

; Vede o Tejo qual vai! é este o sonno
de um monarcha em grilhões. Emfim cahiste
com tuas cans, emporio do universo.
De tanta gloria, tanta vida e tanta,
só dura uma lembrança dolorosa
nos cantos do Camões.

Se o patrio nome
não tem de se perder na culta Europa,
nem de sumir-se pelo mar dos tempos,
é que esta ancora o agarra á eternidade.
Eis como envergonhando a Patria ingrata
se vinga o Bardo heroë; votou-lhe em vida
a lyra, a espada, o amor; e inda não farto,
manda seu genio vigiar-lhe os loiros.
;Coubesse na alma grande outra vingança!
;Que victimá a aplacar-lhe a campa humilde!
;Um reino todo, em lagrimas, em ferros!

Olha a torrente aurifera, que o Grande
nomeava seu Tejo, e a cujos córos
chamava todo amor: *Tagides minhas*.
Maldisei-me essas ondas, que arrojavam
pela foz desabrida ao largo Oceano
o heroë de Amor e Marte, o cantor d'ambos.

Inda o vejo, da pôpa debruçado,
mandar saudoso aos tectos fugitivos
um longo adeus sem voz, e nu d'esp'rança.
Da espuma o trote, o frémido da véla
lhe aperta o coração; cáem-lhe nas ondas
lagrimas dignas de soldado luso.
;Quantas almas sua alma abraça ao longe!
;E nem uma talvez lhe sente o affago!

Lá vai, soldado, e pobre, e desvalido,
lá vai, e as curvas praias apinhadas,

ao desapparecer da extrema vela,
dão gloria aos cabos, o soldado omittem,
que desvalido e pobre os faz eternos.

Depois de ausencia longa, eis torno a vel-o;
ri, chora, applaude ao Tejo, e o Tejo é surdo.
Mutilado, indigente, obscuro e alegre,
beija este chão tão frio; offrece á Patria
a espada tinta, o braço, a tuba, a gloria.
Do ninho seu paterno ao ceo levanta
pregão, que afora Elysia atrôa o mundo.
Cinge lhe o loiro vencedor dos tempos,
e recai na penuria.

E' esta a hora,
em que de um terreo lar, sem luz nem fogo,
onde Camões !Camões! dorme no feno,
sai esse Antonio, o Tito dos escravos,
o escravo da amisade, e ousa nas trevas
um pedir, que injuria os ceos e a terra...
Acudi a Camões que expira á fome.
¡Que lagrimas sublimes lhe rebentam,
quando uma ou outra mão, lá d' hora em hora,
passa e deixa cahir seitil escasso
de seu senhor no capacete humilde!
Elle o estende, mostrando-o repassado
de balas de infieis; nenhuma o cinge
de tanta e tanta palma, que seu dono
e colheu, e cantou.

De rua em rua
pede, invoca, enrouquece; ja quantas portas
de damas, de senhores, já famosos
do poeta no canto e nos amores,
não foi talvez bater, bater vâmente!

Dá meia noite; eisolve ao seu tugurio
Quasi toda a cidade está dormindo;

o resto se diverte; os dois se abraçam;
um chora, outro sorri; qual soffre menos?
— «Antonio, inda ámanhan não morreremos.»
— «Senhor, a caridade é quasi surda,
a vossa glória esteril; muito a custo
obtive apenas... isso.» — «Meu Antonio!
«Que exemplos a futuros escritores!
«Que pago! que laureis! mas não importa,
servi os meus; um tal serviço é premio.» —
— «Não choreis» — «Meu anigo, eu não me choro...
mas tua dôr me doe; queira a fortuna
pagar-te os bens que me ficou devendo:
eu já me afiz a tudo; a Providencia
sabe que existo; os annos meus cansados
vão no fim; pouca vida exige pouco.
«Antonio, uma só magoa me acompanha;
é ter dado o meu estro, enquanto ardia,
aos ingratos e ingratas; e hoje velho,
além de um coração, não ter que dar-te.» —
— «Cantae os outros, (não lh'o invejo) e amae-me.
«Se eu de affectos entendo, os vossos cantos
valiam menos do que o vosso affecto.» —
O Poeta suspira; alguns momentos
reina silencio fundo; o escravo o rompe:
— «Bem sei eu onde agora vos queria!» —
— «Onde, amigo?» — «E eu comvosco» — Ah! lá em cima
na Patria que ama sempre e paga tudo...
— «Não» — «Pois onde?» — «Ah! Senhor, na minha terra.
«Terieis, como agora, o vosso escravo,
e uma choupana vossa, e umas palmeiras,
que vos dessem, de graça, os ricos frutos,
meu amor, e o dos meus, e a paz, e o ocio.» —
— «Enchuga as tuas lagrimas; não sonhes
mais penas para nós» — «Vêdes? apérto
todo o vosso thesouro entre dois dedos!» —
— «Eis o pão» — «Mas, só pão; nem sequer vejo

«com que dar-vos papel»—«Que importam versos?»
 —«Mas vosso mal? Je um medico, e soccorros?
 «Meu bom senhor, ouvi-me, e por piedade,
 «não enjeiteis, não enjeiteis meu rogo.
 «Muito ha que esta lembrança,inda que triste,
 «me affaga o coração; foi algum Anjo
 «quem me inspirou; sem duvida; cedei-me;
 «é meu primeiro, é meu extremo rogo...»—
 —«Por que não falas pois? ergue-te e fala.
 «¡ Tu soluças! eu tremo; acaba, amigo.»—
 —«Vendei-me»—exclama o servo em voz medrosa.
 Pasma, emmudece, espera, e assim prosegue:
 —«Procurae-me um senhor que seja humano,
 «que me permitta ás vezes visitar-vos;
 «e vendei me, por Deus!»—«Cala-te... escuta...
 «Uma voz a cantar na vizinhança...»
 «¿Oùves?... são versos meus: ¡oh! ¿não te agradam
 «aquellos tons suavíssimos?»—«Vendei-me;
 «eis meu primeiro, eis meu extremo rogo.»—
 —«Meu Antonio, ámanhan vende essa espada,
 «inutil carga das paredes nuas;
 «vende esse capacete, onde mendigas
 «um cobre que te cança, e não nos salva;
 «e depois... o hospital. ¡Ah! meu amigo,
 «quando este capacete me cobria,
 «conteve quanta ideia o mundo abrange;
 «mas, confesso, esta não.»—«Mas o meu rogo?»—
 —«Antonio, tambem tu!...»

Como falavam,
 despontou a manhan. Camões lhe entrega
 o capacete e a espada; aponta a porta;
 vê-o sahir; segue-o co'a vista, e geme.

.....

—«Adeus, ninho da dôr» exclama o triste,
 «e para nunca mais.»

{ O de vai elle,

sem guia, roto, e enfermo, áquellas horas?
¿Onde ha-de o pobre escravo ir procural-o?
Onde, já lh'o elle ouviu; no horrendo albergue
que a pia caridade off'rece aos pobres.
Lá corre; péde, exora; entrou; procura;
descobre... vê... abraça... e em longo abraço
mistura gôsto e pranto, amor e queixas.
Servo, enfermeiro, confidente, amigo,
multiplica-se em mil, cerca-o de extremos;
cumpre-lhe officios de familia e Patria.

Morre Camões, mendigo entre mendigos,
extranho aos seus, nos braços de um estranho;
mas entre elles deu tudo; aos seus ingratos
o coração, o engenho, a vida, a glória;
ao seu amigo a amarga liberdade,
tarda fama, uns seitis, e poucos livros.

De tão impíos avós proscrita raça,
o destino em miserrima hecatomba
a teus manes, Camões, nos sacrifica.
A injuria foi-te azeda; jah, que a vingança
te amargaria ao fel! ¡Quem me hoje dera
essa harpa lacrimosa, onde entoaste
lamentos de Sião cahida em ferros,
saudades de Israel em terra alheia!
Não ha canto no globo, onde banido
não chore um Portuguez; aos ais d'essa harpa
¡que de ais seriam ecco em toda a terra!
Mas feliz seu desterro; alta saudade
lhes queima o coração; porém seus olhos
não vêm da Patria as longas agonias.
Nenhuma ferrea mão lhes tâpa a bocca,
ninguem lhes manda rir quando os açoitam.

¡Ó meus amigos, que eu chorei partindo,
ficae, pois que o destino assim piedoso
vos concede essa amarga desventura,
e não nos invejeis. Se a Providencia
não marcou algum termo á nossa infamia,
e se os cantos, que a medo e a furto exhalo,
não teem por Capitolio o cadasfalso,
talvez tardio abraço inda vos leve.
¡Quem viver ousaria, onde olhos lynces
profanam té o incognito das mentes!

¡Ah! meu ermo, saudoso presbyterio,
¡quando será que eu veja os espaldares
de teus densos rosaes, teu tecto humilde,
o cedro hospitaleiro, as alvas pombas,
e as heras do portão, e as cerejeiras,
ornamento do adro hervoso e santo!

Lisboa — Outubro de 1829 (?)

XX

EPITAPHIO

GRAVADO NO TUMULO DE UM RICO BENEFICO

Se és pobre, lê, chora e passa.
Meu coração já não bate
ao aspecto da desgraça.

XXI

A DESERÇÃO GLORIOSA

EXPLICAÇÃO

Os ossos do officio de poeta, disse o meu parente Tolentino que era a pobresa. Não serei eu quem o desminta; mas sempre digo, que ainda o officio tem mais ossos: um d'elles é a forçada obrigação, em que a miudo nos vemos, de entrar como terceiros em amores de outrem. Verdade é, que esta prática tem decahido muito, depois que se apagaram os ultimos vestigios do biôco e jeli-sias, dos serões no estrado e dos descantes á esquina; então as mulheres, semi-arabigas em seu viver, e em sua invisibilidade divinissadas pela imaginação dos homens, eram objecto de culto; para ellas se temperava, ao raio da lua, a viola, que logo sobre o peito parecia repetir em voz alta os suspiros e gemidos, que por de traz o coração lhe ensinava baixinho; para elles se destillavam dos melhores engenhos aquelle perfumes, hoje rançados, a que chamavam então poesia, e que a dez leguas em redondo exhalavam mysticidade. E' abrir o Camões em qualquer canção, ode, ou sextina, das suas, para lou-

var a Deus por aquellas adorações idólatras tão deveras rendidas, que ainda hoje dão tentações de as tomar ao pé da letra. As mulheres, que elles requebravam, eram, se hemos de fiar-nos em todos esses evangelhos de namorados, uns entes tão outros das de hoje, que até custa a perceber como aquillo tão aereo, tão espirito, e só cortejado de espíritos, e que de carne e osso tinha apenas *quantum satis*, uma fórmula ou simulacro à imitação dos anjos antigos, poude chegar a produzir coisa alguma carnal, e muito menos esta raça, tão carnal e tão positiva, que hoje somos. Os proprios nomes das mulheres pareciam ao senso intimo d'aquella gente ideal um genero de profanação, ou, quando menos, uma impropriedade repugnante ; e, desde que se tratava de render vassalagens extaticas, e metricas, ao que hoje chamariamos simplesmente uma Ignez, Catherina ou Maria, todas estas grosseiras confianças cessavam; e em logar da Ignez, Catherina ou Maria, surgia *arcadicamente* uma Natércia, uma Tirce, ou uma Ismene.

Era como se, largando o nome prósa da vida real, ellas tivessem despido o que tinham de terrestre; era uma apotheóse sem pyra, um portentoso *fiat nympha*; e depois, como se cria deveras n'aquillo, o amor, que se lhes exprimisse, tinha necessidade de ser tambem, ou pelo menos de se representar, ethéreo, expurgado de sensualidade e egoismo, e tal como um *sylpho* encarnado o poderia tributar a uma *sylphide*. Ainda não tinha vindo George Sand ao mundo: cria-se em virtudes; até nas masculinas, quanto mais

nas femininas; havia a cada canto Magriços e doze de Inglaterra, e havia ainda mais raras Phénix; havia aos centos, Jacobs, que depois de sete annos suspirados em balde começavam de servir outros sete annos, dizendo: — mais serviram, se não fôra para tão longo amor tão curta a vida.

Ora, como não era justo nem possivel, que só os iniciados na linguagem poetica fossem galanteadores de damas, seguia-se que os desfavorecidos das Musas, para se poderem mais depressa ou melhor insinuar, tinham de recorrer ao prestimo sempre caridoso dos poetas, que assim se viam forçados a sentir, amar, e cantar, por si e pelo proximo. Emprestavam como ricos mercadores o seu cabedal aos necessitados, que lá o negociavam como podiam, para seu interesse, e o pagavam, se jámais o pagavam, em dinheiro, em protecção, em esperanças, ou em palavras, que era restituir na mesma moeda. Admittidas todas estas suposições, aliás verisimillimas, temos, *ipso facto*, absolvidos um grande numero de poetas, a quem a multiplicidade de nomes de damas em suas trovas celebradas trazia, no tribunal da publica opinião, accusados de bandoleiros e galanteadores universaes. D'aqui em diante, sim: quando a posteridade encontrar em collecções de versos de um nosso contemporaneo mais de um nome de mulher, condemne embora a esse autor por inconstante, porque em nossos dias já não é o mesmo: a poesia já não é necessaria, porque esse culto das mulheres passou como todos os cultos; os versos, que amansavam feras, não aman-

sam nem assanham a coisa alguma; o calculo e a economia politica poz-nos o juizo no seu logar; somos positivos, e descobrimos que as mulheres não eram mais do que um elemento, para produzir annualmente uma addição nos mappas estatisticos. Das especulações politicas e *financeiras*, (como pôde sobejar tempo e vontade para curar de feineas, como quando não havia mais nada que fazer? o seu valor no mercado está baixissimo; *les rois s'en vont*, disse um philosopho; qualquer outro podia dizer com mais verdade: *les femmes s'en vont*; mas não importa: os Reis vem tornando, e as mulheres hão-de tornar tambem; e ambas estas soberanias, melhoradas do que foram, porque o mundo subindo e descendo lá vai sempre caminho da perfeição (pobresinhos dos que vieram a elle n'esta edade de transição, como lhe chamam os philosophos;) que se consolem pensando em suas netas: só por isto é bom ter descendencia; quem n-a tem não morre todo; e quem todo não morre pôde confortar-se com a esperança.

Mas, voltando ao meu proposito, repito: que a poesia não é já visco para caçadas amorosas: passaria até de ridiculo o querer deveras namorar em verso. Sem embargo, esta cantata foi ainda feita, como outras minhas composições, para servir de intérprete a sentimentos amorosos de outrem perante certa dama, em realidade muito amavel, muito digna de versos, e muito capaz de os comprehendender e sentir.

O namorado, que ainda a esse tempo, em 1829, não lhe era mais que namorado (mas

isso era-o deveras) vira cahir sobre muitos de seus parentes e amigos as furias da perseguição politica. Cheio do fogo da Liberdade e dos seus vinte e dois annos, determinou desertar das bandeiras que em melhores dias havia jurado, e a cuja sombra servira sempre como official brioso, e ir juntar a sua espada ás invenciveis espadas da Ilha Terceira. O dizer adeus para sempre á sua Lisboa era o menos; o mais e o tudo era o descobrir esta ousada resolução áquelle cuja mão lhe estava dada irrevogavelmente. Soccorreu-se aos meus versos; e em tão abençoada hora lh'os fiz para serem mensageiros e desculpadores da má nova, que apenas, depois de entregues e lidos, se tornaram a avistar, foi ella a primeira, que, devorando varonilmente as angustias de ambos, falou d'aquelle partida como de coisa necessaria e urgente, dos aprestos para ella, dos mutuos lenitivos que já para a ausencia tinha phantasiado, e emfim do prazer de se tornarem a abraçar em dias mais felizes, para nunca mais se apartarem. Esses versos, que, pelo fruto, poderiam merecer o nome de bons, perderam-se não sei como; em vão, como a outros muitos, os procurei n'estas excavações. A cantata, que ora offereço, foi escrita alguns dias depois, para a hora precisamente do apartamento.

Os meus leitores folgariam de conhecer este par; não tenho licença para nomear-lh'o; o chrisma poetico de Lilia encobre um nome muito illustre e muito digno de sua dona. O desertor, que na campanha da Liberdade se extremou por gentilezas de armas, quaes eu

nos meus versos as tinha propheticamente historiado, retrahido hoje do serviço militar, disfruta, convertidos em realidade, os sonhos do seu amor; e ambos juntos são felizes, pela felicidade e caricias de quatro filhos, todos gentis e esperançosos. Os laços que os uniam não se apertaram, que não podia ser, mas tornaram-se de flores. Agora caminham unanimes, e sorrindo, para a velhice, que ainda está longe, sem temerem a morte nem a desejarem.

CANTATA

¡Ceos! ¿não ouves a trombeta,
com que a augusta Liberdade
enche a equórea immensidate
de um rebate atroador?

¡Adeus, Lilia! eu não resisto
a tão nobre chamamento;
já na vela ondeia o vento,
caro á gloria, infesto a amor.

Co'a nautica celeuma
já vāo surgindo as ancoras. ¡Que instante!
¡que amargoso dever! ¡Ah! se em teu peito
ardia chamma igual; se, como eu sinto,
crescel-a sentes n'este adeus funesto,
se ardes qual me eu devoro...
eu te lamento, oh Lilia, e não me choro.
Pelos ceos, por piedade, amado encanto,
cala esses gritos, esses ais modera;

não firas este seio que inda ha pouco
me juraste ser meu. Basta de pranto;
voltarei, voltarei, amado encanto.

Olha, aprende a alegria
d'aquelle marinheiro, que assentado
sobre a ancora que ergueu, ledo assovia;
já disse adeus á terra; aos seus amores
talvez tambem; mas sem fraqueza encara
as quas solidões: oceano, e ausencia.

Sermos nós menos firmes
fôra vergonha, ó Lilia. ¡Ah! considera
que eu não fujo de ti; se á gloria corro,
a gloria, em recompensa, ha-de apertar-nos
estes laços de amor. Nossas cadeias
eram de rosas só; verás quaes ficam
mais seguras em dobro;
como as ramas do loiro as fortificam.

Para alcançar-te, ó Lilia,
¿quaes os titulos meus? thesoiros raros
teem preço não vulgar; e a Natureza
duas Lilias não fez. Deixa que eu vôle
onde o meu braço os meus rivaes espante,
e das armas lhes mostre ao ferreo brilho
que da Patria de heroes fui digno filho,
que sou de Lilia não indigno amante.
Crê-me: eu mesmo por ti córar me sinto,
e estremecer de horror, quando esses braços
e esse peito me apertam, quando beijas
esta bocca de escravo, que mal ousa
um ai sumido em quanto a Patria morre.
Sim, de teus pés arranco um vil escravo,
que atravez de um phantastico diadema
só via em torno lutos;
mas em troca, a teus pés trarei, não tarde,

um soldado que a espada te apresente,
 forjada de grilhões, e accesa em sangue
 de despotas brutaes. Por entre a palma
 que espessa o coroará, n'aquelle fronte
 bella co'a negra côr dos márcios fogos,
 bella co'as cicatrizes,
 conhecerás... exclamarão teus olhos
 primeiro do que a voz n'aquelle instante:
 «Parabens, Patria minha, eis meu amante!»

Ceos, ¡nem mesmo este quadro
 mitiga a tua dôr! ¿Com mais vehemencia
 me apertas inda ao seio? ¡em nova cópia
 já me inundas de lagrimas? ¡Ah! Lilia,
 eu sinto que a virtude me vacilla.
 ¡Que te vou eu pedir... mas firme peço!

Do seio o amor aparta,
 suspende o pranto, e dize-me que parta.

Dize que amor primeiro
 está que o mundo inteiro,
 mas que a virtude e a Patria
 primeiro estão que amor.

Que cidadão se nasce
 antes que a amar se aprenda,
 que exiges por off'renda
 a quéda do oppressor.

Fraqueza, unica força de teu sexo,
 ¡graças aos Ceos! prohíbe
 cristado capacete ás aureas tranças;
 já que a victoria que em teus olhos brilha
 mavorcia c'rôa ás tuas mãos não pede,
 não serás patriotica amazona;

mas sê vestal da santa Liberdade;
nutre em meu coração seu fogo eterno,
nem permittas que amor nol-o profane.

Virgem formosa, ingenua,
como as vestaes de Roma,
a sua fé, seu nobre exemplo toma.
Crê, velando esta chamma alta e divina,
ver n'ella o do·i maior do Empyreo aos homens;
que a salvação do Estado a pede acceza;
que te contempla o Ceo ¡pensa em ti mesma!
ou velal-a, ou morrer na dôr, no opprobrio,
n'um sepulcro e co'a Patria. ¡E quê! ¿suspiras?
¡Bem! ¡triumpha a piedade!
eis-te a vestal da santa Liberdade.

Lilia, outra vez: eu parto; é vinda a hora;
abraça-me; eu te perco. ¿Ouves os gritos
que me chamam da nau? ¿Voar não sentes
em teus cabellos zephyro importuno?

¡Espera... Lilia... escuta!
¡Oh ceos! de tantas supplicas, de tantas
falas, ajustes, votos, mal guardados
para o funesto adeus, em vão procuro
na afanada memoria algum vestigio.
Fica, supporta a vida; a mão que aperto
não por ultima vez, de cá sustente
meu brio, meu ardor, minha constancia.
Em quanto os olhos meus verão só ondas,
rochas, soldados, ceo, dá que a miudo
cópia dos sons que agora me captivam,
tuas letras de amor, lá vão gerar-me,
como um celeste orvalho,
na aridez da existencia algumas flores.
Escreve-me que vives, que a tua alma
não mudou para mim; permitte ao pranto
apagar livremente o que escreveres.

Meu coração, sem o menor estudo,
 saberá bem ler tudo,
 pranto, phrases, amor, patria, deveres.
 Se o fado me sorri, minhas respostas
 serão sobre cadaveres escritas
 de vis escravos co'o damnado sangue.
 ¿Por que hemos de chorar? o dia inteiro
 me verá sentinella, ou combatente,
 na praia, ou nos fragosos baluartes.
 De noite um somno breve, e Lilia em sonhos,
 me enganarão a ausencia.
 Antes de adormecer, já reclinado
 nas orvalhadas rochas,
 ante a lua prateando as vagas ermas,
 cá virá meu espirito invisivel
 ver-te, abraçar-te, ouvir-te; jah! não duvides:
 em tudo, ó Lilia, me haverás presente.
 A ltuosa côr de teus vestidos
 vêl-a-hei; verei tranças desatadas
 sem adorno adornadas.
 Os dedos distrahidos
 verei correr no quérulo piano,
 ora ensaiando penas,
 ora em sumido som da glória os hymnos.
 Ouvir-te hei, quando lendo, ou já Lucrecia,
 ou Virginia, ou Cornelia, alimentares
 em tua alma romana eguaes virtudes.
 «Pois que é meu, dirás tu, romano o quero,
 Bruto, Virginio, ou Graccho».
 Sim, já te escuto, e taes serão teus votos,
 votos que hei-de cumprir, por Lilia o juro,
 pela Patria, a rival que a Lilia vence,
 por este não venal, sagrado ferro,
 e pelo Rei dos Reis que nos fez livres.
 Já me sinto no seio alvorotado
 um não sei quê divino; esta alma cresce

ante o aspecto do p'risgo, alto preságio
do favor do destino. Eu vejo as ondas
livres e furiosas
exultando, ao troar das nossas balas,
jogando com desprezo os lenhos rotos,
os mastros incendidos,
e os infames cadaveres sem campa
d'esses tigres estupidos, só tigres
com quem lhes quebra os ferros.
Vejo nas crespas fragas estalando
seus peitos desleaes, e a Liberdade
no penhascoso solio ensanguentado
cingir eterno loiro,
e apontar-nos o Tejo. Ai do Jugurtha,
quando, rasgada a púrpura, chorando
thesoiros com que a fé comprar suppunha
de senados crueis, desamparado
de uma africana abjecta soldadesca,
do solio que usurpou descer aos ferros
da triumphal carroça; e desditoso,
sem obter uma lagrima, e devido
victima ao ceo e á terra, entrar raivando
no carcere... e em si mesmo.
Então, e só então, livres e ovantes,
acharei a ventura entre os teus braços;
não cabem com grilhões de amor os laços;
nos livres é virtude o ser amantes.
O hymeneu, cuja imagem deleitosa
nos sorriu tanto e tanto, ha-de vir tempo
em que seja um dever, como hoje é crime.
Por elle á Natureza pagaremos
o fôro universal; daremos, Lilia,
á Patria cidadãos, em quanto agora,
só de pensal-o tremo, o bem mais doce,
outro eu, outra Lilia que pendesse
ao teu seio de mãe, seria de ambos

contínua reprehensão, contínuo susto.
 ¡Ir arrancar do nada, ir dar co'a vida
 servidão, infortunio, opprobrio, a entes
 que devemos amar! ¡Ah! se é terrivel
 matar seu filho ao limiar da vida,
 para uma alma sensivel
 esse crime, a par d'este, attrai, convida.

Deus! lá troa o canhão. Valor, constancia!
 E' signal de partir. ¡Ultimo beijo,
 ultimo e parto. Evita a praia; foge;
 não me exponhas á misera ventura
 de ficar ao teu lado;
 esquece o amante, e pensa no soldado.

Soffre a vida, ou volte ou morra.
 Ver-me-has teu, se torno ovante;
 se morrer, soffre outro amante
 que nos haja de vingar.

Póde amor, e não a Patria
 dispensar na lealdade:
 mas se a amor só tens piedade,
 é seu ultimo rogar.

XXII

DEFENSA DE UM INCONSTANTE

ADVERTENCIA

Depois de um leal, veio um inconstante procurar a minha Musa para terceira em seus amores. Era apertado o caso; tinha sido colhido em flagrante infidelidade mais de uma vez pela sua amada, e não havia modo para a convencer de que não tinha visto o que tinha visto. Quando se não pôde negar o crime, diz Quintiliano que não fica mais arbitrio ao patrono, senão defender ou transferir a competencia do tribunal. Transferir a competencia do tribunal era impossivel, sem embargo de que a juiza era a propria parte offendida; restava-me só o defender. Defendi, como se verá nos versos, com as melhores razões de rábula, que me acudiram. O exito do meu arrasoado passou ainda muito para alem da nossa espectativa; as explicações justificativas, que eu dei de cada um dos crimes allegados e provados contra o meu cliente, quadraram tanto á julgadora, que não só absolveu o réo, mas, passado um mez, tinha imitado passo a passo o comportamento d'elle, e ido muito para diante.

CANÇONETA

Desterra teus vãos cumes.
 Festejo a quantas são bellas,
 mas sempre a rainha d'ellas
 és tu, Armania cruel.

De teu semblante as lindezas
 adoro n'outros semblantes;
 são meus passos inconstantes,
 é meu coração fiel.

Não t'o nego: com Armia
 falo ás vezes em segredo;
 não t'o nego: este arvoredo
 viu-me com Lilia brincar:

Porém com Lilia só brinco,
 por ter nos brincos teus modos;
 de Armia os segredos todos
 os teus me fazem lembrar.

Furtei, (confesso, e tu viste)
 dois beijos, ou tres, a Estélla;
 gabavam-me os beijos d'ella,
 quiz ver, se eram como os teus.

Toquei no seio de Tirse
 de rosa uns botões fechados;
 tu és bella em teus enfados,
 quiz ver como era nos seus.

Se a Ismene pedi cabello,
 foi só por tambem ser loiro;
 fui rico do teu thesoiro,
 sem o obter da tua mão.

Amo em Gertruria o teu riso;
amo os teus olhos em Jonia;
préso nas cartas de Aónia
tua escrita, e discreção.

Um só coração me coube,
e tu és a flôr das bellas.
Nem mesmo entre os braços d'ellas
te fôra infiel jamais.

Por distracção tenho ás outras
vezes mil teu nome dado,
e até hoje inda a teu lado
não tive enganos eguaes.

Meu pensamento amoroso
é qual favónio entre as flores,
que a mil sussurrando amores,
elege a rosa entre mil;

por todo um jardim vagueia,
mas guarda a affeição saudosa;
passa, e lembra-nos da rosa,
da rosa ingenua, e gentil.

Quanto mais julgas, ingrata,
perder a tua conquista,
tanto mais se augmenta a lista
dos teus triumphos sem par.

¡De meu coração te queixas
serem sem conto as rainhas!
são escravas que não tinhâs,
que vão teu carro puchar.

Dez Annalias te abandono,
 Jonias duas, seis Themires,
 e apoz estas, quantas vires
 de semblante encantador.

Armania, sobre aureas rodas,
 por tuas rivaes tirada,
 sóbe, de myrto coroada,
 ao Capitolio de amor!

Lá, sobre as aras do nume,
 jura um premio aos meus ardores.
 ¡Quanto amará teus favores,
 quem tanto os desdens te amou!

Depois, soffre que ame sempre
 em teu sexo a todos grato,
 os pedaços de um retrato
 que a Natureza quebrou.

XXIII

A JOÃO JORGE DE OLIVEIRA E LIMA

EXPLICAÇÃO

O inverno, de que todos ainda estão lembrados, o furioso e pertinacissimo inverno de 1829, teve para mim quinze dias inteiramente formosissimos.

Tinha eu feito em Coimbra conhecimento, que logo se melhorou em amisade muito estreita, com o snr. João Jorge de Oliveira e Lima, Conego de S. João Evangelista, e no Collegio dos Loyos d'aquelle cidade lente, a esse tempo, de Theologia moral. Era moço, versado nas boas Lettras, prendado com mil talentos para agradar, e franco liberal, como toda a sua familia, á excepção de seu tio, o afamado prégador no Porto, Fr. José de Lima.

A attracção mutua, que sempre chega a reunir os confrades da mesma parcialidade politica, e muito mais quando essa anda debaixo, foi a que primeiro me deparou o bom encontro; o restante viéram a fazel-o no trato, a benignidade da sua condição comunicativa e o meu gosto. A poucos dias andados, conheciamo-nos de toda a vida, e para toda a vida nos amavamos.

Era por]Dezembro; tinha eu de me tornar para a residencia de S. Mamede da Castanheira do Vouga, meu abrigo serrano e silvestre, *mea regna*, como pela sua choupana dizia o pastor Virgilio, meu paraíso n'esses annos tristes, e hoje minhas tristissimas saudades. S. Mamede, assentado nas faldas da serra do Caramulo, e apartado sete leguas de Coimbra, é convisinho da estrada, que de Coimbra leva [ao Porto.] Lá tinha por essa occasião de se ir o meu amigo; aproveitou o lanço para vir conhecer a silvestre majestade e naturaes formosuras do meu retiro. O temporal, com que já nos posemos a caminho, e que por todo elle nos não largou, fomos achal-o na serra ainda mais indómito; cada regato era uma torrente; cada reencavado uma lagôa; as arvores mais corpulentas vinham-se abaixo escachadas com o vento; as loisas e colmos dos telhados aldeões descompunham-se e voavam; os gados curtiam fomes, os homens receios e terrores ácerca das futuras novidades. Era uma consternada estação; emendou-a Deus depois, que esse condão tem, já ha muito tempo, esta sua machina chamada Natureza: os tristes prognosticos dos lavradores quasi sempre sahem baldos. Então pôrem era brava e feia a serrania; [que] mais era preciso para ser deliciosa por dentro a casa, com a amisade, a abundancia, bons livros, um piano soffivel, e uma fogueira de cepo e urzes, cerca da todo o serão, [até á noite velha, de fandeiras, historias, e cantigas?] Assim se nos escoaram, como um sonho, quinze dias sem sol nem saudades d'elle. Então, quando a

tempestade parou para recobrar forças e re-começar assolações, o nosso hospede se despediu, levando em troca do coração, que nos deixava, os de todos nós, e seguiu jornada para sua casa, onde sei que os dias do encantamento da serra foram depois muitas vezes recordados.

Logo que a tardia primavera voltou, e os caninhos se foram deixando transitar, recebo, com um presente de vinho do duque, muito velho e muito generoso, uma carta do nosso amigo, amavel e graciosa como elle, e na qual me enviava um beijo de cada uma de suas irmans.

Se jamais houve caso para versos, era-o este, quanto a mim. Quaes sahiram desambiciosos, por entre o florir das roseiras e limoeiros que vestiam a minha livraria, e que ainda lá estarão para outrem, taes os mostro ao Publico; não servindo este preambulo para mais do que para lhes carear indulgencias; se já por ventura n'elle mesmo, que todo versa sobre coisas de minha vida intima, não vai aggravo de culpa, com culpa nova. Mas quem sabe (e sabem-n-o todos) o quanto se amam memorias, que já contam quinze annos, e divinisadas pela amisade, levar-me-ha á boa mente assim os versos como a prosa; sobretudo sabendo, que este amigo, e o melhor de todos que eu nunca tive, o pastor d'aquelle ermosinho de S. Mamede, o dono d'aquella residencia, meu irmão, já ambos fizeram a jornada, d'oncde se não torna, e me esperam para onde infallivelmente havemos de ir.

CARTA

S. Mamede da Castanheira do Vouga,
Maio de 1829.

No fim dos insulsos mezes
das tão praguejadas chuvas,
quando já ninguem contava
com mais pão, azeite, ou uvas;

quando as terras eram calda,
e as casas montes de lama,
nem os camponios sahiam
do lume, nem eu da cama;

quando já todos resavam,
e um compadre me dizia
que tratasse eu da minh'alma,
que o mundo se derretia;

de repente vira a grimpa,
raia o sol, fervem festejos,
e do norte aqui nos voam
vento e musa, e vinho, e beijos.

Não foi mais o pasmo e o gosto
na face lisa e vermelha
de Noé, findo o diluvio,
ao vêr o arco da velha.

Qual do cavallo de Troia
se começoü a descer
longa fila de valentes,
que poseram tudo a arder,

taes da prenhe enorme caixa,
apenas se abriu em casa,
os bravos frascos sahindo
pozeram todos em braza.

;Quanto perdeste em não ver
este alvoroço geral!
ha muito tempo que tanto
se não ria em Portugal.

Dançavam velhos e moças,
dançavam moços e velhas;
um andava ás cambalhotas,
outro guiava as orelhas.

Muitos berravam saúdes,
a quem tanto bem mandou;
um entoava o *Te-Deum*,
e eu cantava o *Rei-chegou*.

Um Capitão reformado,
que na passada campanha
foi tambem provar á França...
do Bordeus e do Champanha;

que hoje digere á vontade,
sem banda nem boldrié,
e que tem voto por quatro
em vinho verde e agua-pé,

decidiu, que nas tabernas
francesas nem hespanholas
nunca um Baccho se topara
que d'este chegasse ás solas.

O bom Cura entusiasmado
lhe dizia:— Tem rasão:
vinho igual só o dos cachos
da *Terra da Promissão*.

Assim uns depois dos outros
foram louvando os teus frascos,
quando o siso afogueado
entrou a assentar nos cascos.

Eu tambem, que tinha ouvido,
que todo o vinho creado
lá n'essas terras do norte
era vinho de enforcado,

de Orpheu desejei a lyra,
para chamar taes carvalhos
para o logar d'estes nossos,
que dão zurrappa e bogalhos.

Esses produzem delicias,
praseres, versos, risadas;
estes por cá geram moscas,
e moscas de chuço armadas.

{ Mas cuidas que eu, tendo a lyra
de aureas cordas feiticeiras,
me contentava em roubar-te
os carvalhos e as videiras ?

¡E as meninas, cujos beijos
a tua carta me traz!
beijos mais fortes que o vinho,
pois tiram o siso e a paz!

¡E tu mesmo! Sim, tu mesmo,
em guarda do côro lindo,
ou com vontade ou sem ella
cá virias rebolindo.

Depois, para segurar-vos,
e evitar a deserção,
traria ao som de sonatas
o que falta á solidão:

o Luxemburgo e Versailles,
aureos theatros de França,
os passeios de Cythéra,
modistas, jornaes de dança,

dez cosinheiros da Italia,
leves carrinhos inglezes,
e o teu tio Padre Mestre,
para teu debique ás vezes.

Mas essa lyra perdeu-se
como as varas de condão;
não ha senão o teu vinho,
quem me enfeite a solidão.

E pois não posso obrigar-te,
ao menos pedir-te posso,
que não faltes á palavra,
e voltes ao êrmo nosso.

Vem ver amigos saudosos,
vem um destêrro alegrar,
prova-nos ser digno filho
dos bons homens de Villar.

Quando o enlameado Outubro,
 terror dos collegiaes,
 te chame ao throno de pinho
 das questões e das moraes,

dá uma saltada aos montes;
 vem ver o urso poeta;
 esquece uns dias que és loyo,
 para ser anachoreta;

mas não temas ver o mesmo,
 que achaste da outra vez,
 que agora cá estão as fadas
 de cabecinhas de pês.

Alcina e Armida creavam
 uns Elysios de improviso;
 estas alcinas de vidro
 fazem d'isto um paraiso.

Fazem ver jardins nos matos,
 andar as casas aos pulos,
 e dançar por esses ares
 os bosques e os Caramulos.

Então, apesar da murça,
 e académico diploma,
 renovaremos na Beira
 os jogos floraes de Roma.

Se tudo isto não bastasse
 para vencer a aversão,
 que sem duvida te inspira
 tão agreste solidão,

dir-te-hia, que, pois quizeste
ser meu *padre director*,
não deves abandonar-me
no meu apêrto maior.

Trago escrupulos terriveis,
mas cuja causa tu deste,
já co'a ~~carta~~ tentadora,
já co'o teu nectar celeste:

O nectar, bebo-o com gosto,
e gosto particular;
e creio que ha moralistas
que a isto chamam peccar.

A carta, co'os negros beijos,
me inspira soberba e mais...
emfim por ti tenho ao menos
dois dos peccados mortaes.

Sim; tenho soberba, e gula ;
mas Deus, que vê meus transportes,
bem vê que, se elles são grandes,
tambem as rasões são fortes.

Vem pois, meu Lima, não tardes
a acalmar-me a consciencia
co'os textos da irman da minha,
a tua immortal sciencia.¹

No entanto irei proseguindo
nas minhas iniquidades,
bebendo o duque, e adorando
desconhecidas deidades.

¹ A sua, Theologia; a minha, Canones.

Com c'roa de parra e murta,
 duplicado immolador,
 irei matando o meu tempo
 em honra de Baccho e Amor.

Mas, a propósito, amigo;
 ¿ sabes tu que a minha sina
 só me dá ter dulcinéas?
 e é coisa que me amofina.

Em quanto tu de osso e carne
 as achas de todo o lote,
 eu por aéreas príncezas
 me abraso, novo Quixote.

¡Ceos! d'estas novas senhoras
 a quem dedico os meus ais,
 nem sei os nomes, nem mesmo
 se são duas, tres, ou mais.

Mas sáiam quantas sahirem,
 sou de todas cavalleiro,
 coube-me o genio de Ovidio,
 posso amar o mundo inteiro.

Mafoma é falso propheta,
 mas conhece os corações;
 viu que a ternura de um homem
 pôde abranger multidões.

Se o que dava harems na terra
 e huris nos ceos aos fieis
 não fizesse em lombo e vinho
 dois interdictos crueis,

dobrado imperio por elle
ganhára o infernal careca;
mais peregrinos iriam
ver o tumulo da Méca.

Tu, mais benigno, dás vinho,
que faz a gente feliz,
e concedes mesmo em vida
celestes beijos de hurís.

Ora pois; nunca as mãos doam
a quem faz tal uso d'ellas:
d'hoje a um anno igual remessa,
e igual mensagem das bellas.

XXIV

EPIGRAMMAS

I

Amigo, estou tão poeta,
que em versos consumo o dia;
tomára achar um remedio
que me curasse a mania.

Se queres gelar o estro,
isso está na tua mão:
lê as odes do Filinto,
e os sonetos do Garção.

II

Brevemente sai á luz,
obra de urn genio distinco,
uma versão portugueza
d'opera omnia de Filinto.

III

Amigo, tive esta noite
negro, horrivel pesadelo;
ainda ao lembrar-me d'elle
se me arripia o cabello.

Deus te livre, e livre a todos
de sentir o que inda sinto:
¿pois não sonhei que me liam
tres paginas do Filinto?

O SEU A SEU DONO

Apostára eu que, entre os que houverem lido os decepados epigrammas que ahi ficam, uns os darão por desacato litterario, outros por documento de leviandade, visto como já muitas vezes, pela minha parte de Portuguez, tenho dado tributo de agradecido louvor a Filinto Elycio. Ora como eu com todos me quero bem, reléva, que em poucas palavras, lhes dê satisfação, e acuda por meu crédito. Direi, antes de tudo, que não tenho, (nem invéjo aos que a teem) presumpção de immutavel nos juízos; se de alguma coisa se houvesse ella de ter, seria antes, quanto a mim, de possuir um animo flexivel, prestes sempre para receber e pesar as alheias razões, e sempre disposto a, por ellas, ora rectificar ora ratificar as suas.

Não conheço autor, dos que, em diferentes e apartados prazos de minha vida, tenho relido, que me não parecesse de cada vez mais ou menos diverso; e isto, que me tem acontecido, não sou hoje tão vaidoso, que me persuada que nunca mais me haverá de acontecer.

Quando estes chascos trovei, não se me figurava o cabedal de Filinto, senão uma especie de cáhos, intermeado de algumas partículas luminosas: nenhuma verdadeira criação; afectos poucos e tibios; pensamentos vulgares ou falsos; gosto bastardo, ou muito incerto; saber insuficiente; estylo inculto, desegual; linguagem de furtas-côres, escura, affectada, dessaborosa, inadmissivel.

E esta derradeira clausula do meu arbitrio,

a tocante á linguagem, foi a que eu expressei, haverá vinte annos, nos epigrammas, que por nenhuma outra rasão estampei agora senão para, pública e solemnemente, os renegar diante de quem quer que os houvesse conhecido; porque, revocados ao meu tribunal, Filinto e eu, para se examinar a sentença já dada sôbre a linguagem,achei que devia elle de sahir absôlto e glorioso, e eu condemnado nas custas, que assim lhe estou pagando com a minha vergonha.

Os senões, que eu vi, e muitos verão ainda na linguagem de Filinto, não eram d'ella: nem eram ; pareciam-n-o ; e pareciam-n-o porque se olhavam de má parte, com maus olhos. Filinto é intelligivel, mas não são, nem querem ser, intelligentes os que o lêem. Atiramos para elle o peccado que é nosso ; é achaque velho no mundo ; já se não cura. Mas a verdade é que, só por só, nenhum escritor da nossa Lingua fez por ella tão momentosos serviços ; nem talvez todos juntos contribuiram mais para a salvar nos affrontosos transes em que a França de nossos dias a traz mettida.

Foi elle o primeiro que levantou voz pelo seu Portugal ; elle o alferes que arvorou o estandarte; elle o capitão, e por muito tempo elle tambem, e só elle, todo o pé de exercito d'esta sagrada reconquista.

Demasiou-se, dizem os hypercríticos, e disse-o eu já; demasiou-se no uso das antigualhas ; Que muito ! o excesso dos francelhos desafiou o seu de Portuguez de lei. Esta defensa lhe bastará, mas tem outras. Para nos envergonhar de mendigarmos em nome de

uma Lingua rica a outras menos ricas, cabia e importava mostrar, mas que fôsse com alardo, até que ponto ella o era; a cada vocabulo enxacôco ou phrase chilra, substituir, ás duzias, vocabulos e phrases equivalentes, deitados para a banda pela incuria desleixada, ou pela moda; e, a poder de perseverança, fazel-os conhecidos e entendidos; conseguido o que, certo ficava o tornarem para logo á circulação, como veio a acontecer. ¡ Que de mumias do diccionario não andam ahi hoje, redivivas, lustrosas de segunda mocidade, mettidas em boa roda, e em toda a parte bem vindas e bem acceitas! Os proprios tarelos, que chasquearam o desenterrador, e houveram a riso o seu empenho, galanteiam-n-as hoje, e com duas ou tres d'ellas, que chegam a empregar, já se dão por mui primos e cabaes na patria fala; e assim vai pouco a pouco, por entre o escarcéo e vagalhão da imprensa tradusideira, navegando por seu rumo, sem descahir muito, a vernaculidade, que algum dia nos será restituída, com toda a possivel opulencia antiga, e com os haveres novos, que as necessidades lhe hão trazido, e lhe hão-de ainda trazer comsigo.

Tudo isto a Filinto se deve originariamente; o que, junto com a recreação e desenfadamento, que de sua leitura recebemos, já desconta da vantagem a tal ou qual escuridade, em que os ignorantes ou superficiaes vão, a principio, tropeçando a cada pagina.

XXV

Ao usurpador ex-Infante Miguel Maria do Patrocínio

NA SUA SAHIDA DE PORTUGAL

ADVERTENCIA

O eloquente oraculo dos estoicos, Séneca, dá (se a ponto me accode a memória, no seu livro da *Ira*), uma peregrina receita para nos precavermos contra os accessos da cólera; receita, que depois o Metastasio aconselhou á sua Chloris, sem lhe dizer cuja era. O bom do Metastasio, sendo tão abastado, cahia muitas vezes n'isso: furtava sem se sentir:

Placati, o pastorella;
Ritorna a farti bella. Ah non sai come
Ti sfigura quell'ira. A me nol credi?
Specchiati in questa fonte. E ver? T'inganno?
Riconoscer ti puoi? Quel fosco ciglio,
Quella rugosa fronte,
Quell' aria di fierezza,
Non scema per metá la tua bellezza?

O peior é, que nenhum enraivecido tem lembrança, paciencia, nem tempo, para se pôr a estudar, no espelho de Séneca ou na fonte de Metastasio, a fealdade, com que a paixão lhe transtorna o semblante. ¡Se a agua e o crystal conservassem aquelle aspecto para o mostrarem a seu dono, depois de parado o delirio!..... mas esquecem-n-o com a mesma pressa, com que um lisonjeiro se transfórma.

De um só espelho sei eu, que se uma vez se embebeu da physionomia de um homem em qualquer lance, nunca mais a demitte: este espelho é a Imprensa. Espelho abençoado e maldito ao mesmo tempo; que não só nos mostra a nós, mas nos assoalha aos outros; que nos não retrata uma vez, senão milhares de vezes; que não ressurte o retrato só para o perto, mas para todo o mundo e para todos os tempos. ¡Cuidado! ¡cuidado com elle, os que ainda lhe não chegastes ao pé! estudei-vos, fazei-vos bellos e amaveis antes de a elle vos apresentardes; que vos não descubra, nem por sombras quaes depois vos pesaria de terdes sido. Falo-vos, como amigo e experimentado; e experimentado por muitas vezes; que daria eu hoje muito por quebrar não pequenos pedaços d'este meu espelho, que me segue e ha-de seguir sempre, como um trasgo escarneador, contra o qual não valem esconjuros nem aguas bentas. Aleijões poeticos, aleijões philosophicos, aleijões moráes, aleijões politicos, tudo, este maligno daguerreó-typo da alma reteve para m'o andar mettendo á cara, nas horas (que, sem elle, seriam de oiro) em

que deante de mim me assento a conversarmos sem testimunhas. Dos aleijões litterarios e poeticos me rio eu, que tenho a vaidade de a não ter em coisas taes. Dos politicos tambem me rirei, que já vi muita politica, e já sei pouco mais ou menos o como as coisas correm n'aquelle jôgo de brincadeira; mas dos moraes e dos philosophicos..... ¡não pôde ser! já li Jorge Sand, e não aprendi a rir d'elles. E são muitos, de mais a mais! Bem sei que não corro grande perigo de ser apedrejado, que mal haveria quem atirasse a primeira pedra; mas enfim, isso não faz nada; elles sempre lá estão, e por mais que eu arréde os olhos, bem os enxérrego. ¡Pois que estejam, e que fiquem nas más horas! Ao menos, hei-de vingar-me bem vingado, em lhes dar váias á falta de *vade retro*, todas as vezes que me surgirem.

Tinham rasão Séneca e Metastasio. O espelho do homem enfurecido representa uma hedionda figura, só bella para estudos moraes.

N'esta epistola a D. Miguel, vejo retratada uma hora diabolica, não do meu coração, que nunca esse (com a mão sobre a consciencia o digo,) quiz mal devéras a ninguem, mas do meu espirito, *genus irritabile*. D. Miguel acabava de cahir do Throno; devêra de ter sido esse o dia da indulgencia plenaria. O raio, que derrete um sceptro dentro na dextra, que, havia annos, o apertava, e uma corôa sôbre uma cabeça, que nunca pensou em perdel-a, e que fica viva, é um tão espantoso executor da divina Justiça, que, depois d'elle, já aos odios humanos não de-

ve ficar mais nada que fazer: mas os dois Príncipes cahidos, o de Portugal e o de Hespanha, D. Miguel, e D. Carlos, cria-se então que a Inglaterra os levantava do pó, encastoados em oiro e brilhantes, para os levar e guardal-os no seu peito, como dois punhaes de reserva e de boa témpera. Infortunios longos nos haviam feito desconfiados; accreditámos n'isso; bramiu-se; houve até, e muito, quem blasphemasse da generosidade do vencedor, que no seu festim se não embriagava com o sangue do vencido. Eu atirei imprecações contra a pôppa, que levava das nossas praias um Desgraçado para um desterro de toda a vida. A minha desculpa, ante mim, é só esta: que n'essa hora jaínda as cabeças dos padecentes se não tinham começado a desfigurar no patibulo; ainda grande parte de minha familia andava foragida; ainda do campo da batalha se não tinham atirado os ultimos cadaveres para a valla, e os ultimos centenares de feridos para os hospitaes de sangue.

Não são desculpas, são simplesmente explicações.

Se um povo fosse como um pobre autor; se elle podesse mirar tambem n'um espelho o seu immenso vulto, e presencear, depois de reserenado, a figura que representou no seu delirio; o entusiasmo, com que espeshei o cahido, com o exemplo de um povo se poderia autorizar.

Estes versos, dardejados todos n'uma noite, e, por que assim o digâmos, de um jacto, e logo impressos, foram tres vezes reimpressos no decurso de onze dias.

EPISTOLA

Promisi ultorem; et verbis odia aspera movi.
VIRG. *Æn.* L. 2.

Em hora má do porto desaferres,
ó Principe das trevas, cujo nome
é do bardo fiel defeso á lyra.
Em tres vezes má hora a prôa infanda
commetta o mar co'as furias por nereidas,
por galerno os tufões, e ao leme... a Parca.
Possa a brisa da terra aos teus ouvidos
só levar ais dos teus, e vivas nossos.
Possas tu não sentir nas asas d'ellas
mais que orvalho de lagrimas, que nutra
na aridez de tua alma agros abrolhos.

Vomitára-te o Oceano em nossas praias,
monstro devorador; leve-te o Oceano.
Cumpriste o encargo teu; jaz nua a terra,
sangue os rios, ruinas as cidades.

O' mar, a cujas brenhas o ímpio affoita
a vida, n'este sólo mal segura;
ó mar, que em tua infancia devoraste,
por criminosa, a geração dos homens;
que profundo, que indómito, que immenso,
és emblema e pregão de liberdade,
estampado por Deus na face do orbe,
ahi tens o usurpador e o parricida,
o réo mais negro, o mais feroz tyranno....
¿Que farás d'elle? E se astros vingadores
te vedam subvertel-o ao ceo que infama,

{onde irás tu depôl-o? {Em que rochedos
de listrigões ou cyclopes? {em que antros
de ursos ou de dragões, seus dignos socios?
{Antro ou rocha haverá que não se afundem
se a praguejada quilha ousar tocar lhes?

No Atlântico, e bem longe, entre dois mundos,
lá estão de Santa Helena eternas rochas,
onde do grão Proscripto inda hoje os manes
misturam seu gemer aos sons das vagas....
Não: das vagas rainha abominosa,
refalsada Albion, ali sepulta
da Omnipotencia o filho, o novo Atlante
sustedor do univero; ali concentra
n'um ponto só toda a grandeza humana;
mas quer, nos muros seus, que chama livres,
agasarlar os despotas do mundo,
sacudidos do solio horrorisado!

Lysia te arroja do rasgado seio,
coroado, imberbe algoz; mas (não desmaies);
vais opulento; Albion, a prostituta,
a prostituta vil, te alonga os braços.⁴

Que mendigo quizera esses thesoiros
co' um' hora d'essa vida? ou que alma ingleza,
ingleza mesmo, acceitaria o pacto!
Velarás entre cofres, que atulhaste
de lagrimas e sangue; em montes de oiro
revolverás teus somnos transparentes;
pernoitarás armado; a cada instante
ulularás no horror das trevas mudas,
vendo espectros de velhos, de meninos,

¹ Justiça a todos. Aos Ingleses honrados a nossa gratidão. **CASTILHO.**

de mulheres, de heroes, e a régia Sombra
do Piedoso, em quem pae não conheceste.
«¡Nós te esperamos» — clamorão ferozes —
«nós te esperamos lá! Viver na Historia
«foi teu desejo, e.... viverás: mas caro
«te ha-de custar; que a eternidade existe.
«Se hypocrita o não creste, aprende-o; pasma!»
Assim dirão partindo; e tu, convulso,
e acordando ao tremor das proprias armas,
saltando em terra bradarás «¡Socorro!»
Porém debil, como homem que ha fugido
mãos de mortos, e traz inda no rosto
a pallidez, reflexo do outro mundo.

Melhor que a noite não será teu dia.
Se as proprias tuas victimas soubessem...
davam-te inda uma lagrima. Opprimido
do ferreo ceo do inglez; a vista ao largo,
por sobre o equóreo immenso, em vão buscando...
não Patria, que a não tens; não já parentes,
que os proscreveste; amigos não, que amigos
só a virtude os conta; mas escravos,
mas pompas, mas poder, e o ar, e o solo,
e a primavera d'estes campos lusos;
não vendo mais que aspectos orgulhosos,
mofadores talvez; não mais ouvindo
venal lisonja deificar o opprobrio,
mas sons de lingua barbara, que ignaro
julgarás sempre execrações e insultos;
fugindo ás multidões, onde olhos lynces
te estudarão na face arcanos da alma;
não parando nos ermos inacessos
com medo ao luso ferro; ousando apenas
beber do rio as aguas fugitivas,
comer dos frutos da árvore colhidos
por tua propria mão... ¿que vil mendigo,

que alma ingleza invejára essa fortuna?
 Invocarás em teu delirio a morte;
 e a morte, que alistaste em teu serviço,
 virá emfim, virá. Tua alma sôlta,
 mas avergada de flagícos negros,
 ¿onde se irá perdida? O livro grande
 no dia da trombeta pavorosa
 responderá, se humanos o não ousam.
 Mas teus ossos na terra, e sob a lagea
 dormirão sonno mao; teu nome inscripto
 não pedirá suffragio ao passageiro:
 teus frígidos Bretões, em teu sepulcro
 não plantarão cipreste, a cuja sombra,
 tremulada do vento, errem teus manes;
 não, que já não terás com que pagar-lh'o.
 Peregrino cançado do caminho
 nunca irá, pôsto o sol, tomar descanço
 n'essa pedra infamada; e se algum' hora
 passo ou voz te quebrar mudez profunda,
 não será de philosopho ou de amante,
 que entre urnas vão scismar e entristecér-se;
 serão festins e canticos de Lusos,
 serão danças, de rosas coroadas
 dos filhos de teus martyres.

Vae, monstro:
 sólta a véla, ergue as ancoras, restruge
 com o canhão derradeiro a praia livre;
 desapparece. ¡E prestes no horizonte
 se te abysmem, co'a vista d'estes cumes,
 as illusões e as ultimas esp'rancas!
 ¡Ah! ¡quaes vão ser teus longos pensamentos
 debruçado da tremula amurada
 sobre a rôta, fugaz, sonora espuma!
 ¡Quem o sabe!

A Poesia, pois que empresta
 a penhascos sentir, idioma aos brutos,

ouse pôr em tua alma entendimento.

« ¡Assim nascestes, minhas glorias leves,
« e assim passastes! ¡Hontem rodeado
« de vassallos sem numero, de lanças,
« que á minha voz corriam rebanhadas
« como seara ao vento; e hoje ludibrio
« dos esquadros horrissonos das vagas!
« ¡Eu, cuja mão cruenta era osculada
« de um povo altivo; eu, cujo olhar fulmíneo
« infundia o terror, vejo ora inulto
« sorrir-me ao lado o nauta, o passageiro
« olhar-me face a face, e o sentinella
« voltar-me impune a espalda insultosa!
« ¡Tudo me abandonou, qual névoa errante,
« se a fere o sol do estio, o sol do Tejo,
« que eu nunca mais verei! ¡Eu trahi tudo,
« e tudo me trahiu! ¡De braços tantos....
« não tive um, que fiel me assassinasse!
« ¡E eu, eu por que o não fiz!... Perdendo tudo
« ¿não me restava um ferro? ¿eu não podéra
« com formoso morrer lustrar meus crimes?
« ¡Tanto hábito de morte, uso tão longo
« de beber sangue, prometteram nunca
« tão cobarde vileza? ¡Oh! ¡que é terrivel
« como porta de averno a sepultura!
« Eram, e são comigo os meus remorsos;
« elles sós contra si deteem meu pulso;
« ¡se eu cuidára co'a vida anniquilal-os,
« lançára-me ao profundo! ¡Ai! ¡que não haja
« em roda d'este mar, nas raias do orbe,
« refúgio, onde ao remorso um réo se esconda!
« ¡Longe, longe, pesares importunos!
« Reinei, mao grado ao Céo, mao grado aos homens.
« Meu carro triumphal deixou vestigios
« fundos em mais de um seculo. ¡Fui grande!
« de almas plebêas o remorso é filho.

«Para o perder de todo, joh! se eu podesse,
 «novamente perjuro, entrar em Lysia,
 «colher meus vencedores generosos,
 «e punil-os de o ser, cingir meu throno
 «de um muro de cadaveres!... Deixada
 «da Religião a mascara já rôta,
 «requintára em feroz, se inda é possivel.
 «De horrores que espalhei, não me arrependo;
 «desespera-me sim, que esses horrores
 «fírmassem mais a odiosa liberdade:
 «era tenue scentelha; eu, vento adverso,
 «a fiz incendio, que devora tudo.»

Taes sejam teus verdugos devaneios
 por solidões do mar, enquanto os Lusos
 restauramos, em paz esperançosa,
 terra de nossos paes, desaffrontada.
 Não bastarão á fama as cem trombetas
 para te irem ralar de dia em dia
 co'os bens que dadivoso o Ceo nos chova,
 e co'as glorias dos teus dobrar teus lutos.
 Mas lutos, mas remorsos ; que te importam,
 se do mal contra o mal tens feito escudo,
 e do que um vicio doe te curam vicios!
 Socios de corrupção jámais fallecem;
 com elles dissipando ideias torvas,
 restaura, alonga, perpetúa as órgias.
 Afoga na ampla taça o ultimo raio
 da cadente rasão; persegue ás feras,
 menos feras que tu; no circo usado
 vae braveza ensinar ao toiro horrivel;
 e, cançado de insânia, adormecer-te
 nos braços de uma Aspásia, ou Láis, ou Phryne.
 Teus primeiros recursos foram estes,
 estes serão teus ultimos recursos.

¡Que seria de nós, se em tua fronte
durasse até ás cans essa usurpada
c'rôa, cahida emfim! ¡Que pouparias,
affeito ao sangue, tu, que para jogo
o derramavas na viçosa quadra,
quando a alma Natureza é meiga em todos,
n'essa edade, em que Nero inda era pio?
Mas amor os leões e os tigres doma,
e para ti amor não tinha um laço.

A tua raça (¡parabens ao mundo!)
raça de monstro, acabará comtigo.
Graças aos outros déspotas, não houve
Princeza, que por vítima arrastasses
ás aras de hymeneu. Falhou nos ímpios
d'esta vez a politica: ¡sobre ella
uma vez triumphaste, ó Natureza!
Nenhum quiz o labéo de haver-te filho,
nenhum d'esses, que amavam nossos ferros,
e que apenas o som da queda tua
lhes eccoar nas abóbadas doiradas,
teem de chorar amargo entre blasphemias.
Mas elles que estremeçam, chorem, rujam,
mordam-se; já ninguem lhes teme as iras.
Mais santa convenção reune os povos,
e metade dos Reis tem parte n'ella.
Dos outros o poder vele os seus servos;
fará muito: da edade o dente occulto
os thronos carcomeu; já não é raro
que dos crimes o peso alúa os thronos.

Não foi para applacar da ursa os filhos,
inimigos da luz, que em Lysia houveste,
ó barbaro, perdão, thesoiros, fuga.
Sequioso o cadafalso te pedia;
mas foi lei do Senhor na infancia do homem,

não matarás Caim. — Deram-te a vida porque enchentes de sangue generoso co'um pouco sangue vil se não remiam; deram-t'a, porque logo te consumam as venturas de Lysia, e gotta a gotta pelos ouvidos vás bebendo a morte; deram-t'a, enfim, porque a ninguem dás sustos, mas compaixão e horror: embora abrindo teus avarentos cofres, alugasses as vozes, o senado, as náus, e as tropas da que ao Turbante e á Cruz serviu na Grecia: foste nimio cruel, não nos dás sustos.

¡E ousar d'esses Bretões o bardo altivo
(¡maldições á injustiça até do genio!)
ousar chamar ao lusitano—*Escravo,*
e dos escravos o infimo — quando elles,
mais que ninguem, nos ferros nos retinham!
¡quando nos pactos improbos da força
o luso sangue, a lusa liberdade
era por elles sotoposta ao oiro!
¡Fomos servos, mas servos insoffridos;
servos sempre em murmurio, e odiando-os sempre;
servos, que dos grilhões fisemos armas,
e te affrontámos, despota, e vencemos,
e somos livres, e o seremos sempre,
a despeito de ti, de Albion, do mundo!

¡Vae! São dignos de ti, e és digno d'elles!

XXVI

A UM AMIGO MEU

NO DIA DOS SEUS ANNOS

A ti, que em tão férrea edade
lembrai fazes aureos dias,
e que inda em tempos melhores
citado exemplo serias;

que, se obscuro não vivesses,
fizeras crer aos mortaes
nos idyllios do meu Gessner,
nos tempos patriarchaes;

homem bom, não por virtude,
mas por indole e condão,
bom, como as rôlas são meigas,
e as rosas fragrantes são.

Tu, que em nossa terra és livre,
e feliz em nossa edade,
por que tens dentro em ti mesmo
a ventura e a liberdade;

porque na esposa e na prole
o teu mundosinho abraças,
e albergas em manso asylo
o talento, o amor, e as graças;

permitte que o vate amigo,
co'a lyra dada á virtude,
os teus festivos penates
n'este alvo dia saúde.

Entre, bem-vinda, em teus lares
musa, que, extranha á mentira,
nunca deu rosas no inverno
ao natal de uma Belmira;

nem, por fazer sala aos grandes,
em seus excusados annos,
lidou por furtar ao tempo
a foice dos desenganos.

De flores sem mel, nem cheiro,
que não vivem mais que um dia,
para assentar-se ao teu fôgo
não se ha-de ornar a poesia.

Tal como a présas, a devo;
qual a devo, a dá meu peito;
ás musas, que tens em casa,
seja o pobre canto acceito.

¡Como a tua festa eu amo
toda de amor e alegria,
sem galas, nem luminarias,
nem salvas d'artilharia!

Com repiques e foguetes
não se alvorota a cidade;
são os annos da ventura;
não são os da majestade.

São puros contentamentos
a quem praz a solidão;
porque não é pelo estrondo
que logram ser o que são.

Como flores preciosas
em sêcca estufa encerradas,
seguras de estranhos ares,
desabrocham perfumadas,

no doméstico retiro,
só vistos do Ceo que os ama,
florindo estão mansamente
para si, não para a fama.

Nenhuns jornaes faladores
dirão gostos que aqui ha;
a festa que eu presenceio,
nenhuma historia a dirá.

Mas podesse a musa minha
pintal-a muito em segredo
aos raros que de ser homens
não se correm, nem teem medo.

Leve a historia os seus monarchas;
eu lhe diria: «Sabei
«que hoje n'este imperiosinho
«se festeja outro bom rei;

«não rei, que á herança ou conquista
«devesse os titulos seus,
«mas rei pela Natureza,
«mas rei que reina por Deus.

«rei, como foram por certo
cos primeiros das nações,
por cartas tendo a bondade,
o amor por constituições;

«rei, cuja ausencia é saudade;
cuja presença alegria;
rei, cuja lei é o exemplo,
cuja força a sympathia.»

Eis o que todo o seu povo
cá n'estas horas doiradas
festeja, como o festejam
os córos das boas fadas;

as quaes, tecendo invisiveis
dançares de boa estreia,
formosa vida lhe cantam
co'a bocca de risos cheia:

«Meio seculo te démos,
meio seculo nos déste;
e nem de longe inda vemos
o cume do teu cipreste.

«Outra metade nos deves,
e nós tambem t'a devemos:
; dormi, Parcas ! ; parae, fusos !
este é nosso: ; irmans, cantemos !

«Cantemos, irmans, as bençãos
das eras patriarchaes.
Meio seculo é volvido;
dêmos-lhe outro tanto, e mais.

«Vida levada entre amores,
«cultivada na bondade,
«se homens podessem ser numes,
«duraria a eternidade.»

Até aqui julgo escutar-lhes
a suavissima canção;
¡ai! ¡quem lhes ouvira o resto,
o melhor da predicção!

Se um vate pôde mover-vos,
ó vós, fadas carinhosas,
eu vol-o peço, entoae-lhe
um porvir todo de rosas.

Como dos gelos do norte,
apoz longa ausencia crua,
de novo o restituistes
ao bom ceo da Patria sua,

do labyrintho espinhoso
dos negocios e árdua lida,
onde a publicos ingratos
immola o descanço e a vida,

por vossa mão (se é preciso
um prodigo, amigas fadas)
transportae-o sólto e alegre
para as rústicas moradas.

Elias lhe teem os desejos;
todo o seu amor é d'ellas;
desterraes-o para os frescos
viçosos campos de Bellas.

Pois que o merece, ali gose,
 da familia entre a ternura,
 os quadros da Natureza,
 as delícias da leitura,

o encanto das bellas-artes,
 praseres do trato agreste,
 e já na vida do mundo
 ante-gostos da celeste.

Lá, por entre arvores suas,
 e de aves suas saudada,
 vezes sem conto esta aurora
 lhe renasca afortunada.

Veze sem conto o coroemos
 á sua meza natal,
 de quanta flor esquecida
 nos deixa a quadra invernal.

E por que nada lhe falte
 a seus táticos desejos,
 emquanto as cans lhe sorrirem
 sob as grinaldas e os beijos,

pascer-se-ha sua alma em versos
 pelo meu amor ditados,
 escritos por sua filha,
 por seus netos recitados.

XXVII

EU, ANTÃO VERISSIMO, E A MOSCA

PARÁBOLA

Eu tive um condiscípulo amantissimo,
que era um santo rapaz e nada cábula,
transmontano, por nome Antão Verissimo,
e, como eu, estudava para rábula.
Tinha por vil a herdada vida agricola,
e rindo-se assignava na matricula.

Sapato engraxadinho, e meia fina,
substituiu á tamanca costumada;
á véstia de burel capa e batina,
gorro ao grosso chapéo, Paschoaes á enxada,
a Senhoria ao tu, á broa o trigo...
e um viver novo ao seu viver antigo.

Se o hábito per si fizesse o monge
sem precisar disposições internas,
se para um côxo em pouco tempo ir longe
lhe bastasse o cuidar que tinha pernas,
sem duvida seria Antão Verissimo
estudante, e estudante chapadissimo.

Como lavrando desbancava a mil,
 suppoz, que estudar leis e cegar herva
 seria o mesmo, não sabendo o *nil
 invita dices, faciesve Minerva*,
 e um canon do Genuense (que diz muito)
 — Não tentes o que excede o teu bestunto.—

Os termos de Paschoal e Cavallario
 gastava a procurar o dia inteiro
 no martyr descosido diccionario;
 e á noite decorava ao candieiro.
 Ir á aula, almoçar, jantar, cear,
 só tinha vago; o mais era estudar.

Dizem, que *quem porfia mata caça*;
 julgo o proverbio de cabeça tôsca.
 Vamos á historia: Um dia na vidraça
 viu o nosso doutor azoada môsca
 esvoaçar, zunir, andar marrando,
 passagem pelo vidro procurando.

Pôz de parte um momento a lei mental,
 e co'os olhos no insecto, exclama assim:
 «;Oh que teimoso e estupido animal!
 «embora teimes, teimarás sem fim:
 «por entre ti e o sol não vês que está
 «um vidro, que passagem te não dá?»

«Segue o exemplo das mais, que andam com gosto
 «a dançar sobre aquelle assucareiro;
 «do amigo que ali dorme chucha o rosto,
 «depois esmôe a andar no travesseiro.»

Eu, que dormir fingia, e não dormia,
da tal offerta em trôco assim dizia:

«Déste á mósca um conselho prudentissimo;
«tão bons os dês tu sempre em sendo rábula!
«Mas és qual frei Thomaz, Antão Verissimo,
«ou como o homem da tranca na parábola.
«Dez vidros furaria esse animal,
«antes que entendas uma lei mental.

«Entre ti e a sciencia ha vidros baços;
«nem tu, nem cem de ti os romperiam;
«vende o candieiro, a loba, e os calhamacaços,
«torna-te ás terras que batatas criam.
«E' melhor ser um farto lavrador,
«do que um mirrado e estupido doutor.

«Manda ao inferno os livros sybillinos;
«vem para a cama conversar comigo;
«de Horacio eu falarei, tu de pepinos;
«depois eu de Virgilio, e tu de trigo.
«Tire das leis com que dar uso aos queixos
«quem pôde; e cada qual gire em seus eixos.»

N'esta fábula histórica se intíma
o que ninguem ignora, e não se observa:
a tal sentença velha, obra mui prima
do — *nada faças, se o não quer Minerva.*—
Isto é; que um génio, que nasceu de encôlhas,
não vá metter-se a redactor de folhas;

que um mestre sapateiro afreguezado,
não vá ser na tragedia actor primeiro,
que em transportes de principe ultrajado
ralhará como mestre sapateiro;
quem nasceu para chufas e chalaça
nem epopéas nem tragedias faça;

que aquelle que nasceu para ladrão,
seja ladrão de estrada, e não juiz,
procurador, letrado, ou escrivão;
que um bode se não metta a ser derviz,
nem um burro a académico; nem . . . nem . . .
exemplos d'isto número não teem.

Advertencia aos sonetos seguintes

Foi uma bella festa a do anniversario de Sua Majestade a Rainha em 1834. Por toda a parte se patenteava espontanea, verdadeira, estrondosa, a publica alegria. Era um imenso ramalhete de esperança em botão, que são sempre as melhores. Muitas não chegaram a abrir ; muitas das que abriram, murcháram logo ; mas ainda então se não previa nada.

D'entre os innumeraveis festejos de tal dia e noite, nenhum, cuido eu, sobre-levaria ao baile, dado a SS. MM. no Arsenal do Exército pelo Inspector, que então era, o snr. Leão. Fôramos convidados, meu irmão Augusto Frederico de Castilho e eu, para recitarmos, na presença das Augustas Personagens, a Rainha, o Imperador e a Imperatriz, algumas breves poesias accommodadas ao tempo e ao logar, que em verdade era inspirador. As salas brilhavam ornadas todas de trophéos de armas. Por ellas girayam alguns dos Generaes de D. Pedro, com os seus lauréis da véspera ainda tão viçosos ; por baixo das janellas corria o Tejo, nunca deslembrado das suas glorias velhas.

Dos sete sonetos, que seguem, os dois primeiros, de meu irmão, e os cinco restantes, meus, nenhum chegou a ser recitado, porque uma leve alteração sobrevinda a súbitas na saude de S. M. F. com o calor das salas, e a necessidade de acudir ainda a outros sítios, onde era desejada, lhe não consentiram demorar-se aqui mais de um quarto de hora. Sahiram porém impressos no Periodico dos Pobres de Lisboa, no dia 24 do mesmo mez e anno.

XXVIII

Da lusitana civica Pharsália
¿quem é esta que brilha entre os horrores,
qual brilha junto a Marte a mãe de amores,
deixados os vergeis da amena Idalia?

Campeão da liberdade, o avô na Gallia
obteve estatuas, canticos e flôres;
o pae, ao vencedor dos vencedores
pediu a espada, e mereceu a Italia.

Cópia da mãe, no amor, na formosura,
de livres digna próle, a Pedro unida,
firma-o na gloria, enchendo-o de ternura.

Para bem nosso e d'elle és tu nascida:
paga-o tu só da publica ventura,
dando-lhe a par de um anjo um ceo na vida.

AUGUSTO FREDERICO DE CASTILHO

XXIX

E' grande o macedonio heroe de Arbella,
mas chora só talar um globo inteiro.
Grande é Pompeo, mas, déspota guerreiro,
Cesar, dos fados lhe desluz a estrella.

Grão Constantino inda hoje nos flagella
co'o fanatismo que arraigou primeiro.
Luiz, monstro brilhante, em captiveiro
a França exhaure, em quanto as musas vela...

¡Bastal... Aos grandes do mundo, inda assombrado,
surge, ó Pedro, oppõe já tua memoria:
cedeste em mundos dois o sceptro herdado.

Ao throno alçaste a liberdade, a gloria:
Rei, Cidadão, Legislador, Soldado,
dos grandes o maior serás na Historia.

AUGUSTO FREDERICO DE CASTILHO

XXX

Por mais de um lustro a brenhas confiado,
livres, sem mancha, enthesorei meus dias;
carpi na lyra as patrias agonias,
soei rebate contra algoz coroado.

Mais de um filho dos montes a meu brado
foi combater as legiões sombrias;
u, valor que os regeste, me regias,
e fiz soldados, se não fui soldado.

Proscrito, não salvei mais do que a lyra;
mas góso a Patria, abraço a Liberdade,
e virtude sem p'risgo ao vate inspira.

Quem sob os pés de Nero^{ousou} verdade,
bem póde, sem rubor, lançar na pyra
um grão de incenso á lusa divindade.

XXXI

A' joven mãe de Lysia resgatada,
musa livre, os teus vôos abalança:
¿com taes recordações, tão vasta esp'rança
viu-se nunca em tres lustros combinada?

¡Gloria á filha dos Reis, ao throno alçada
pelo jús de conquista e jús de herança;
gloria áquella, a quem glorias affiança
seu nome, o patrio exemplo, a lusa espada!

A Justiça, Bellona, a Liberdade,
juram mantel-a ao Povo... hão-de mantel-a;
são deidades guardando outra deidade.

¡Temei, filhos da noite, a sua estrella!
Vinde, vede-a, expiae vossa impiedade,
morrendo de vergonha ás plantas d'ella.

XXXII

Tempos dos paladins, eras distantes
das leaes, das cortezeas galhardias,
vós, vós, ressuscitais em nossos dias
mais puros, mais honrosos, mais brilhantes.

Raros outr'ora, impávidos e amantes
rompiam lança em guerra, ou correrias;
superstiçāo, ou fama, eram seus guias,
brandos olhos seus premios relevantes.

Entre nós é plebeia a heroicidade:
morre-se, não por tímida donzella,
sim por deusas: a Gloria, a Liberdade.

| Liberdade! eu a canto, eu góso d'ella.
Mas a Gloria c'roada, essa deidade,
nem a pude ir vingar, ;nem posso vêl-a!

XXXIII

De Ignez e Pedro aos plácidos ardores
honra, virtude, céo, tudo sorria;
sonha rasões d'estado a tirannia,
e Ignez lá morre a golpes de traidores.

Pedro nos corações dos matadores
do coração viuva a dôr sacia ;
e assombrando o universo, á morte fria
arranca, adora, e c'rôa, os seus amores.

E's a Ignez de outro Pedro, ó Liberdade.
Quiz-te; viu-te immolada ás mãos de insanos,
volveu-te ao sol, ao throno, á eternidade.

Restava morte aos corações hircanos:
puniu-lhes com o despreso a indignidade;
¡mas ai de ora em diante, ai dos tirannos!

XXXIV

Se é lícita uma lágrima nas rosas,
com que, ó noite de Abril, nos rís coroada,
¡dos martyres da Patria libertada
uma lágrima ás sombras generosas!

Seus sepulcros dão palmas gloriosas;
heróes herdaram sua nobre espada;
e hecatomba de tigres lhe é votada
de dia a dia ás cinzas sequiosas.

Mas no Elysio onde estão; hoje pensando
que um dia mais que ceo por Lysia passa,
saudoso se reúne o egregio bando.

Murmuram longo viva á joven Graça,
e involuntária lágrima escapando
do nectar entre as mãos lhes turva a taça.

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora



*LIVRARIA MODERNA
95—RUA AUGUSTA—LISBOA*